

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ

MARTA DENISE MESQUITA CARIMAN

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA PRÉ-ESCOLA: POTENCIALIDADES E
ESTRATÉGIAS DOCENTES**

CODÓ - MA
2025

MARTA DENISE MESQUITA CARIMAN

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA PRÉ-ESCOLA: POTENCIALIDADES E
ESTRATÉGIAS DOCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao
Curso de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal do Maranhão – Campus VII
Codó, como requisito final para obtenção do título
de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Dias Martins da
Costa

**CODÓ-MA
2025**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Cariman, Marta Denise Mesquita.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA PRÉ - ESCOLA :
pOTENCIALIDADES E ESTRATÉGIAS DOCENTE / Marta Denise
Mesquita Cariman. - 2025.
85 p.

Orientador(a): Cristine Dias Martins da Costa.
Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão,
Codó, 2025.

1. Educação Infantil. 2. Contação de História. 3.
Desenvolvimento Infantil. 4. Práticas Pedagógicas. 5.
Formação de Leitores. I. da Costa, Cristine Dias Martins.
II. Título.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA PRÉ - ESCOLA: POTENCIALIDADES E ESTRATÉGIAS DOCENTES

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão - Campus VII Codó, como requisito final para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

APROVADO EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa (CCCO/UFMA- Orientadora)

Prof. Dr. João Rudá (CCCO/UFMA- 1º membro)

Prof. Dr. Maria de Fátima Vale de Sousa (CCCO/UFMA- 2º membro)

Codó – MA
2025

“O contador de história é aquele que traz o coração nas mãos”.
(Maria da Penha)

Dedico este trabalho aos meus pais, que, devido às dificuldades da vida, não conseguiram concluir a Educação Básica. Sob muito sacrifício e lutas, fizeram-me chegar aqui, nesta graça alcançada. Quis lhes dar o prazer de ser a segunda e a mais nova de oito filhos a conseguir concluir o Ensino Superior.

AGRADECIMENTOS

Ao meu bom Deus todo poderoso, por me permitir conquistar muitas coisas na vida, uma delas é a graça de conseguir concluir o Ensino Superior.

À Virgem Maria, Mãe de Deus e minha, pois como uma boa mãe, sempre me amparou em momentos de vulnerabilidade.

A toda minha família e, em especial, aos meus pais, Maria Hilda e Haroldo Cariman, que sempre me ajudaram com pensamentos positivos, me incentivaram do início ao fim da Universidade e nunca me deixaram desistir do curso e da vida.

Às minhas amigas de curso, Maria Thaylane, Verônica Alexandrino e Laura Roberta, que compartilharam bons e maus momentos comigo e me ajudaram a tornar o peso da vida universitária mais leve.

À minha orientadora de TCC, Profa. Cristiane Dias Martins da Costa, que sempre me deu suporte e foi motivo de inspiração profissional.

RESUMO

O tema central desta pesquisa é a presença da contação de história na Educação Infantil, considerando sua relação direta com o processo de desenvolvimento social e cognitivo da criança, no intuito de favorecer a formação de futuros leitores, e a problemática que justifica a realização do estudo é compreender como essa prática é desenvolvida no ambiente escolar desde a Educação infantil, tal como é vista e compreendida na perspectiva docente. Diante desse contexto tem-se os seguintes objetivos, de modo geral: compreender como a leitura é incentivada em uma escola da rede pública no município de Codó, Maranhão. De modo específico: verificar a presença e frequência da contação de histórias na creche; compreender a percepção dos professores sobre a prática no contexto da Educação Infantil; e investigar as estratégias de leitura utilizadas pelos professores na contação de histórias. Para subsidiar as discussões da pesquisa, a base teórica que orienta o desenvolvimento do estudo consiste em Costa (2019), Reis; Côco, Chisté (2023), Gonçalves; Lopes (2020) sobre a temática do surgimento da contação de história no contexto geral e sua relevância. No que se refere a leitura e a contação de histórias como prática pedagógica que contribui para o desenvolvimento da criança, nos embasamos em Abramovich (1989), Cosson (2014) e Coelho (1981). A pesquisa foi realizada na escola municipal Creche Menino Jesus, durante o período de estágio no ano de 2023, com retorno para concluir as investigações em 2024, foram utilizados instrumentos como o caderno de campo e entrevista semiestruturada como coleta de dados. Os resultados obtidos indicaram que a prática de narrar histórias esteve presente na rotina escolar da instituição, sendo uma atividade pedagógica fundamental para o desenvolvimento infantil no quesito social, cognitivo e emocional da criança, beneficiando para o incentivo à formação de futuros leitores.

PALAVRAS – CHAVE: contação de histórias; educação infantil; práticas pedagógicas; formação de leitores.

ABSTRACT

The central theme of this research is the presence of storytelling in Early Childhood Education, considering its direct relationship with the child's social and cognitive development process, with the aim of favoring the formation of future readers, and the problem that justifies the study is to understand how this practice is developed in the school environment since Early Childhood Education, as it is seen and understood from the teaching perspective. In this context, the following general objectives are established: to understand how reading is encouraged in a public school in the municipality of Codó, Maranhão. Specifically, to verify the presence and frequency of storytelling in daycare; to understand teachers' perceptions of the practice in the context of Early Childhood Education; and to investigate the reading strategies used by teachers in storytelling. To support the research investigation, a theoretical basis that guides the development of the study consists of Costa (2019), Reis; Côco, Chisté (2023), Gonçalves; Lopes (2020) on the theme of the emergence of storytelling in the general context and its relevance. Noting that it refers to reading and storytelling as a pedagogical practice that contributes to the development of children, we base ourselves on Abramovich (2009), Cosson (2014) and Coelho (1981). The research was carried out at the Creche Menino Jesus municipal school, during the internship period in 2023, with a return to conclude the investigations in 2024, instruments such as the field notebook and semi-structured interview were used for data collection. The results indicated that the practice of storytelling was present in the school routine of the institution, being a fundamental pedagogical activity for child development in the social, cognitive and emotional aspects of the child, benefiting the formation of future readers.

KEYWORDS: storytelling; early childhood education; pedagogical practices; reader training.

LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 01: Livro Didático.....	64
Gráfico 02: Livro Paradidático.....	66
Gráfico 03: Livro Literatura.....	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Rotina da creche às segundas, quartas e sextas-feiras.....	46
Quadro 2: Rotina da creche às terças quinta-feira.....	46
Quadro 3: Primeiro dia e construção da caixa.....	54
Quadro 4: Segundo dia e contação de histórias.....	59
Quadro 5: Perfil dos participantes.....	63
Quadro 6: Integração da Leitura.....	68
Quadro 7: Importância das histórias no ensino-aprendizado.....	69
Quadro 8: Momentos de Leitura em sala.....	71
Quadro 9: Estratégias de leitura na contação de histórias.....	72
Quadro 10: Perspectiva docente acerca da contação de histórias.....	74

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fachada da creche.....	41
Figura 2: Recursos pedagógicos utilizados.....	49
Figura 3: Momento da contação de história.....	51
Figura 4: Livro de Literatura Infantil.....	51
Figura 5: Livro de Literatura Infantil: O presente da fada.....	52
Figura 6: Livro de Literatura Infantil: O segredo do quintal.....	52
Figura 7: Livro de Literatura Infantil: Carolina Trovão.....	53
Figura 8: Livro de literatura infantil: O Baú de Surpresas.....	53
Figura 9: Livro de Literatura Infantil: Jardineiros da Floresta.....	55
Figura 10: Decoração da caixa.....	57
Figura 11: Decoração da caixa.....	57
Figura 12: Finalização do primeiro dia.....	58
Figura 13: Finalização do projeto e do estágio.....	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 A LEITURA COMO INSTRUMENTO PARA A INCLUSÃO SOCIAL.....	17
3 CONTAÇÃO HISTÓRIA E SEUS IMPACTOS SOCIAIS E COGNITIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	22
4 AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA.....	29
4.1 Antes da Contação de História.....	32
4.2 Durante a contação de histórias.....	34
4.3. Depois da Contação de História.....	37
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	40
6 A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CRECHE MENINO JESUS.....	45
6.1 A Contação de Histórias durante o Estágio Supervisionado.....	45
6.2 A Contação de Histórias na perspectiva dos docentes.....	62
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS.....	79
APÊNDICE A – Questionário	81
APÊNDICE B - Autorização	83
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre Esclarecido	85

1 INTRODUÇÃO

A contação de histórias é uma prática pedagógica relevante que desempenha um papel significativo no desenvolvimento infantil. Ela contribui para a ampliação da visão e do conhecimento do mundo da criança, favorecendo também o seu crescimento afetivo, cognitivo e social (Santos, 2011, p. 30).

Tendo o conhecimento da importância da leitura da vida das pessoas, vemos aqui o instrumento pedagógico da contação de história como um grande estímulo ao gosto pela leitura. Dessa forma, pode-se mencionar que a contação de história está atrelada à relação professor e aluno, e por isso o professor adquire um papel fundamental em incentivá-los, permitindo o contato com o mundo literário, levando o aluno a questionar-se e solucionar problemas, fazendo com que sua presença e participação faça diferença em como a criança cria e desenvolve contato com o mundo literário. Assim, Santos (2011, p. 28) cita: “através da contação de histórias, o professor deve sempre instigar o aluno à reflexão, problematizar situações que façam a criança pensar, fazer descobertas e construir aprendizagem”.

Sabendo que a escola é, para muitas crianças brasileiras, o primeiro contato que se compartilha e se aprendem diversos tipos de conhecimentos escolares, e levando em contexto variadas formas de enxergar o ato de ler, mencionaremos aqui a instituição escolar como um dos meios responsáveis pela introdução da leitura na vida da criança, pois segundo o Cosson: “A leitura é, assim, um processo de compartilhamento, uma competência social. Daí que uma das principais funções da escola seja justamente constituir-se como um espaço onde aprendemos a partilhar, a compartilhar, a processar a leitura” (Cosson, 2014, p. 36).

Uma vez que, a educação infantil é vista como a fase inicial da educação a qual todos nós deveríamos passar, e é desde lá que se constrói pessoas capacitadas para viver nessa sociedade que está a todo tempo em constante transformação, seja ela tecnológica econômica, social ou financeira, a educação infantil tem grande relevância nas nossas vidas. Faz-se importante mencionar que desde o nosso primeiro contato com a escola somos expostos a diversas outras realidades, onde encontramos dentro da instituição escolar toda uma diversidade social. Por isso, ela se torna um espaço privilegiado para incentivar a leitura, considerando que para a maioria das crianças das camadas populares é na escola seu primeiro contato com os livros.

Diante disso, defendemos que o ato de se contar histórias não é meramente um passatempo, mas como já mencionado, é um grande instrumento pedagógico e de grande relevância, que visa incentivar o ato de ler, e nesse mesmo contexto, no momento da leitura

de um livro, possa ser que se abra um novo cenário em que cada criança se torna a protagonista na sua própria imaginação. E é nessa perspectiva que trazemos aqui a relevância desse momento desde a educação infantil, pois além de ser um momento de socialização, também é um momento de trocas afetivas entre educador e educando, onde é possível desenvolver laços afetivos e um significativo aumento na confiança das crianças que pode ajudar diretamente para entender melhor suas emoções, situações do dia a dia e seus pensamentos. Diante deste cenário, torna-se primordial o papel do professor como contador de histórias orais visando desenvolver a fantasia e libertar o pensamento infantil, algo tão benéfico para seu crescimento como ser humano, ampliando suas aptidões sociais, educacionais e comportamentais (Dantas, 2019, p. 5).

O interesse por essa temática surgiu durante o estágio supervisionado na Educação Infantil, do Curso de Pedagogia do Centro de Ciências de Codó (CCCO), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), onde percebi, de forma prática e efetiva, o impacto da contação de história na formação das crianças. Os laços estabelecidos com as crianças e suas reações ao longo das atividades evidenciaram como a curiosidade natural delas e o prazer em ouvir histórias podem se transformar em momentos de aprendizagem significativa. Nas rodas de conversa realizadas no início das aulas, as crianças demonstravam entusiasmo em compartilhar suas vivências e uma fascinação crescente por cada nova história apresentada, tornando esse momento uma fonte de inspiração pessoal para aprofundar essa temática em minha pesquisa.

Dessa forma, a pesquisa discute a presença da contação de história na Educação Infantil, considerando sua relação direta com o processo de desenvolvimento da criança, no intuito de favorecer a formação de futuros leitores. Nesta perspectiva, a pesquisa visou compreender como a leitura é incentivada em uma escola da rede pública no município de Codó, Maranhão. Os objetivos específicos são: verificar a presença e frequência da contação de histórias na creche; compreender a percepção dos professores sobre a prática da contação de história no contexto da Educação Infantil; e investigar as estratégias de leitura utilizadas pelos professores durante a contação de histórias.

Esta pesquisa teve seu início durante o primeiro estágio obrigatório do curso de Pedagogia (CCCO/UFMA) desenvolvido na Creche Menino Jesus no ano de 2023, tendo continuidade e conclusão à investigação no final do ano de 2024. Durante o estágio, foi identificado a necessidade de contribuir para o hábito da contação de histórias na sala de aula como forma de promover o desenvolvimento das crianças da turma. Assim a pesquisa visou compreender como a leitura é incentivada pela Creche Menino Jesus de Codó, pois mesmo

sabendo que a escola não é, e não deveria ser a única fonte responsável pela formação de leitores, é inegável observar a influência da escola nesta relação. Entretanto, para compreender a percepção e as estratégias utilizadas pelos professores da escola em relação à prática da contação de história, foi necessário retornar à instituição para entrevistar os professores.

A pesquisa está organizada em sete seções: Introdução, onde de modo geral é descrita e feita uma breve apresentação de todo o texto, contando com os objetivos e metodologia. Em seguida a seção nomeada por “*A leitura como instrumento para a inclusão social*” discutindo como a leitura pode se tornar uma ferramenta para a inclusão social do indivíduo no ambiente em que ele vive contextualizando para o cenário infantil. Logo após encontra-se a terceira seção, “*Contação de Histórias e seus impactos sociais e cognitivos na Educação infantil*” onde é discutido o advento das narrativas até os dias atuais e como essa prática pedagógica intervém no desenvolvimento infantil. Em seguida é abordado na quarta seção “*As Estratégias de Leitura para a Contação de História*” onde são descritas estratégias de leitura, e como podem ser usadas antes, durante e depois das narrativas.

Em seguida, encontram-se na seção cinco intitulada por “*Procedimentos Metodológicos*” a enfatizar os meios que foram utilizados para a elaboração e construção deste texto. Nesta seção, são apresentados os métodos de coleta de dados obtidos durante o estágio no ano de 2023, bem como o retorno à instituição para o desenvolvimento final para os resultados da pesquisa de campo realizada no final de 2024. Na seção sexta “*A Prática da Contação de Histórias na Creche Menino Jesus*”, são apresentados com mais detalhes a experiência de estágio que evidenciaram os dados da pesquisa. Já na sétima seção, “*Considerações finais*”, são discutidos os resultados da pesquisa, destacando a perspectiva docente.

2 A LEITURA COMO INSTRUMENTO PARA A INCLUSÃO SOCIAL

É possível discutir que o ato de ler possa ser visto pela sociedade como uma prática benéfica, sendo indispensável para a formação do cidadão e que através dela é possível ser aberta diversas portas, uma delas é para uma melhor ampliação do conhecimento sobre si como indivíduo e do mundo que o constitui. Dessa forma, Cosson (2014, p.33) destaca: "Saber ler, mais que garantir um lugar na faculdade, é um poderoso fator de inclusão social". Sendo assim, uma ferramenta muito poderosa e que não pode ser tomada.

No contexto Infantil, essa prática ganha bastante relevância para a formação da criança e para a sua entrada no mundo da leitura, a vista que ao entrar em contato com diversas histórias e temáticas, abordadas geralmente na rodinha, a criança pode refletir sobre a narrativa e associar a vida real compreendendo o mundo à sua volta. Assim, Abramovich (1989, p.16) destaca: "Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo[...]".

Além disso, é indispensável falar de leitura e não mencionar o quanto a vida social de cada indivíduo influencia em como ele pode estar inserido no mundo literário. Condições de bom sono, pais leitores, boa alimentação, acesso e manuseio com livros, escola com biblioteca e que incentiva a leitura, todos esses aspectos devem ser levados em consideração, já que podem impactar significativamente no aprendizado e no gosto pela leitura. Porém é inegável mencionar que a leitura não deve estar restrita somente às letras impressas em uma página de papel, pois ela está muito além que isso, e se encontra presente em vários aspectos do nosso cotidiano (Manguel, 1996, p. 19 apud Cosson, 2006, p. 38).

Em relação ao ato de ler e as diferentes formas pelas quais esse processo pode ser experimentado e rememorado, Freire (2004) descreve em uma das suas experiências ao relembrar da sua infância e da sua entrada no mundo literário, que ler está muito além do concreto, pois antes de ler palavras, fazemos uma leitura de mundo e das coisas ao nosso redor. Nisso, o autor descreve que os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto estavam também na leitura da casa que cresceu na infância, e todos os detalhes daquele ambiente.

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de "ler" o meu mundo particular em que me movia - e até onde não sou traído pela memória -, me é absolutamente significativo... Me vejo então na casa mediana em que nasci...A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço.... Os "textos", as "palavras", as "letras", daquele contexto se encarnavam no canto dos

pássaros...também no assobio do vento, das nuvens do céu, nas suas cores, no seu movimento; na cor das folhagens, forma das folhas, no cheiro das flores - das rosas, dos jasmims -, no corpo das árvores, na casa dos frutos. (Freire, 2021, p. 9-10)

Dessa forma, é possível observar que a leitura esteve e ainda está muito presente no nosso cotidiano desde as coisas mais simples que fazemos no nosso dia a dia, como ler a imagem de uma paisagem tirada no nosso celular, e até mesmo grandes obras literárias que lemos em famosos livros físicos. Isso afirma o quanto a leitura está inserida na nossa vida e que não deve ser vista de forma limitada ao concreto, pois o ato de “Ler” é bem mais do que seguir uma linha de letras e palavras. Também não se restringe a uma decodificação¹, nem depende apenas de texto” (Cosson, 2006, p.39).

Além disso, é interessante mencionar que nem sempre o primeiro contato com o mundo da escrita que a criança fará estará relacionado por meio físico. É natural que os textos estejam presentes em nossas rotinas tanto quanto respiramos, logo, é possível perceber sua integração por meio de histórias de ninar contada pela mãe antes da criança dormir e, até mesmo uma lenda existente em uma determinada região. Assim, “o primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens) [...]” (Abramovich, 1989, p. 16).

Cosson (2006) destaca que o ato da leitura está focado em três grupos, o primeiro grupo está centrado no texto como principal instrumento para a leitura, o segundo grupo aponta que o centro é o leitor e como ele interpreta a obra, mas o terceiro e último grupo aponta que tanto o leitor quanto o texto são de extrema importância, pois formam um tipo de interação entre si. Conforme o autor, podemos perceber que o ato de ler é um diálogo entre autor e leitor conduzido pelo texto. Ao ter contato com a leitura, possibilitamos também uma viagem interior na imaginação, onde entendemos e até sentimos as emoções e ideias que o autor quer nos passar, por isso a leitura se torna um diálogo entre autor e leitor levando em consideração também o contexto da narrativa.

Ademais, como já bem mencionado, a leitura não deve ser vista como um meio isolado de decodificação, pois aprender a ler e ser leitor vai muito além de conseguir decodificar textos, ler e ser leitor estão relacionados não somente ao consumo de textos e informações, mas em uma constante interação com o mundo, e essa constante interação com a

¹ Ação de decodificar, de passar algo para um código compreensível. Interpretação de uma mensagem descrita numa linguagem incompreensível. Disponível em: https://www.dicio.com.br/decodificacao/#google_vignette

leitura transforma significativamente o pensamento do indivíduo e transforma suas relações humanas, conforme pontua Cosson (2006, p.40).

A leitura é o resultado de uma série de convenções que uma comunidade estabelece para a comunicação entre seus membros e fora dela. Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além que possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas.

Dessa forma, é relevante retomar a discussão sobre como o ato de ler se tornou uma competência relevante para nossa sociedade, sendo frequentemente associada a benefícios positivos, enquanto sua ausência é vista de forma negativa (Cosson, 2014, p.33). Um indivíduo que toma a leitura para si e inclui frequentemente em sua rotina no dia a dia, é esperado que desenvolva um pensamento crítico sobre si mesmo e do mundo em que vive, posicionando-se criticamente com mais segurança perante as situações de sua vida, sem contar que a leitura também proporciona uma expansão no vocabulário, tanto oral quanto escrito.

Entretanto, sua ausência dificulta o acesso aos certificados escolares, podendo dificultar seu entendimento em informações simples do dia a dia, como interpretar filmes legendados, decodificar uma pequena informação em um jornal ou até mesmo ler uma mensagem de texto no celular, possibilitando que a pessoa fique a mercê de informações que podem ser verídicas ou não a medida que não tem possibilidade de investigar outras fontes escritas. Assim, afirma o autor:

Aquele que não ler não tem acesso aos diplomas, nem ao poderoso mundo das informações e certamente terá dificuldade de ler os filmes e outros produtos culturais que possibilitam informação alternativa à escola. Vive, assim, à margem de nossa sociedade e tudo aquilo que ela oferece por meio da escrita (Cosson, 2014, p.33).

Com isso, percebemos que uma vida sem a leitura pode se tornar limitada em diversos aspectos. No entanto, precisamos ponderar que os meios de adquirir conhecimentos não devem estar restritos aos espaços educacionais, pois onde há uma troca de saberes há também trocas de conhecimentos. Segundo Cosson, (2014, p. 33) “Saber ler, apropriar-se da escrita, não torna uma pessoa mais inteligente, mais humana, não lhe concede virtudes ou qualidades, mas lhe dá acesso a uma ferramenta poderosa para construir, negociar e interpretar a vida e o mundo em que vive”. Então, podemos dizer que apossar-se da leitura não torna ninguém superior a nenhum outro indivíduo, ou cativa algum tipo de superpoder, mas saber ler amplia os nossos horizontes acerca da vida.

É interessante salientar que o mundo da leitura nos proporciona experiências de diálogo entre autor e leitor. Cada linha lida, cada pensamento, experiências e ideias adquiridas através da leitura, se torna única a cada vez que se lê. E para a criança, esse contexto pode ser semelhante com base na experiência que é vivenciada. Ler é viajar no tempo, onde o autor no passado fala com o leitor no presente. Ler é nunca está sozinho, pois quem lê, está sempre em outro mundo ou em outra realidade por meio da imaginação. Nessa mesma circunstância: “[...] ler é um diálogo que se faz com o passado, uma conversa com a experiência dos outros. Nesse diálogo, eu me encontro com o outro e travo relações com ele por meio dos sinais escritos em algum lugar que é objeto físico da leitura.” (Cosson, 2014, p.35). Conforme o autor, esse diálogo entre passado e leitor ocorre por meio de textos, e ao deleitar-se sob a leitura, nos permitimos conhecer e compartilhar os mesmos sentimentos de outros, por isso, ler se torna construir sentidos por intermédio do diálogo.

Ainda no contexto de como a leitura instiga a imaginação, principalmente para o público infantil, é possível observar que além da sua prática ser benéfica para sua estimulação, ela permite com que o leitor experimente conflitos e encontre soluções por meio deles, possibilitando que haja uma ajuda indireta para entender e lidar com seus sentimentos.

É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões...É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções...É a cada vez ir se identificando com outra personagem... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas [...] (Abramovich 1989, p.17)

Outro quesito que vale a pena ressaltar é que quando nos apropriamos da leitura, nos deleitamos sobre diversos tipos de textos e obras literárias pelo simples fato de ler, por gostar, por sentir prazer em conhecer novas histórias, ter novas descobertas e poder ter acesso a diversos tipos de escrita. Irandé (2003, p. 70) destaca que, “A leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita”.

Dessa forma, a leitura tem ganhado um lugar de grande importância na nossa sociedade, sendo vista como um instrumento impulsionador para a inclusão social. Com tudo que já foi mencionado, é possível salientar que o exercício da leitura proporciona ao leitor uma ampliação significativa no repertório de informações, além de fazer com que adquirimos novas ideias, novas concepções acerca do mundo e de nós mesmos. Por meio da leitura, viajamos por diversos mundos, sentimos experiências únicas e expandimos nosso

conhecimento, ademais pode expandir também nosso vocabulário e tornar-nos seres mais críticos e pensantes, capazes de impor-se e contribuir significativamente para a sociedade.

Nas escolas, uma das maneiras de incluir a leitura na sua rotina é através da contação de história, em especial destacamos essa prática na Educação Infantil, público-alvo desta pesquisa, sendo abordado na próxima seção seus impactos sociais e cognitivos para as crianças.

3 CONTAÇÃO HISTÓRIA E SEUS IMPACTOS SOCIAIS E COGNITIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Falar sobre o ato de contar histórias é como fazer uma viagem ao passado, logo é possível observar sua presença desde os primórdios da formação das civilizações, onde se expressavam e comunicavam por meio de registros desenhados nas paredes. Ao longo dos anos e conforme a evolução da sociedade, foram surgindo novas formas de contar histórias e expressar essa arte. “As histórias surgem por meio dos gestos, dos sons, dos desenhos nas cavernas e nas pedras, das palavras, dos textos escritos, entre outras possibilidades” (Costa, 2019, p. 17). Com isso, percebemos que a contação de história é um fenômeno cultural que sempre nos acompanhou desde os primórdios até os dias atuais.

É interessante mencionar que a contação de história é uma prática mais comum do que imaginamos, assim, fazendo parte do nosso cotidiano, isso se dá desde o ato de contar histórias através de um livro, às formas de explicar ou relatar um sonho ou acontecimento do nosso dia a dia ou algum fato já ocorrido. Com isso, podemos dizer que o surgimento da contação de história pode ter se dado devido a necessidade de expressão e comunicação humana. “A humanidade cria histórias sobre tudo o que vê, imagina, sente e percebe do mundo” (Costa, 2019, p. 17).

A arte de contar histórias nem sempre foi conhecida e chamada pela forma que conhecemos hoje em dia, o termo “contação de histórias” foi criado “nas últimas décadas do século XX, é uma expressão que se refere ao ato de contar histórias” (Busatto, 2006, p. 6). Outro conceito mais recente para esse termo é a “Ação de contar, de narrar, de dizer histórias, geralmente se refere a histórias que são contadas a crianças ou trabalhadas em sala de aula” (Dicionário Online Dicio, 2025). Contudo, a contação de histórias não deve estar restrita apenas no ato desenvolvido em sala de aula, além do mais, essa prática é vista de diversas formas e por muitas pessoas como uma atividade benéfica, uma arte, um meio de comunicação e expressão até mesmo um passatempo, e ao longo dos anos vem ganhando novos sentidos, assim:

Para uns, contar histórias é uma arte, uma ciência, para outros é um modo de comunicar e de ajudar as pessoas a aprenderem, pode ter caráter de mero entretenimento, mas também possuir objetivos de ensino, aquisição de valores e princípios e até mesmo fins terapêuticos. (Gonçalves; Lopes, 2020, p. 3)

É imprescindível ao discutir sobre o surgimento da contação de história e não mencionar o Pajé, como uma figura cultural, que teve grande influência nesse processo. De modo geral, o nome pajé vem de origem tupi-guarani, é uma figura bastante conhecida nas

tribos indígenas por ser reconhecido como conselheiro, curandeiro, feiticeiro e intermediário espiritual da comunidade indígena². Ademais, o pajé era considerado uma figura que possuía poderes, um transmissor de conhecimento e saberes, logo tinha consigo o ato de contar histórias, que era visto de forma para entretenimento, mas também passou a ser uma prática educativa e de valorização a própria cultura. “O pajé, que tinha só ele, os segredos da arte de dizer, deixou de ser um mero instrumento de diversão e encantamento popular, para ser depositário das tradições da tribo” (Busatto, 2006, p. 17). Então, percebemos que a relação entre o pajé e o ato de contar histórias pode estar relacionado a sua grande sabedoria que usava para preservar e valorizar a própria cultura por meio da contação de histórias.

Como já mencionado, ao passar do tempo, o ato de contar histórias foi virando uma prática de interesse de muitas pessoas e até se tornou uma profissão. Entretanto, sabemos que os grandes contadores de histórias não necessariamente precisam estar estritamente ligados a essa imagem de um profissional da área, pois como discutido, a contação de histórias está presente no nosso cotidiano e é bem fácil identificá-la, como uma mãe gestante que conversa, ouve música e conta histórias para seu bebê ainda em seu ventre.

É comum também, principalmente em zonas rurais, que nossos pais, tios/tias, avós ou avôs e até mesmo nós, tenhamos participados de grandes rodas de contação, onde o contador em muitas das vezes trazia para a roda, histórias de acontecimentos sobrenaturais do local, como também tradições e costumes culturais, e até mesmo histórias trazidas de gerações passadas, como o Saci Pererê, Mula sem cabeça, etc. Essas histórias ganham muita importância e crença acerca da cultura, já em zonas urbanas é mais comum que as mesmas histórias sejam conhecidas apenas como parte do folclore brasileiro. Dessa forma, os autores afirmam:

As histórias narradas por essas pessoas são denominadas, pelos próprios contadores populares, como “causos”, e envolvem principalmente histórias de assombrações e eventos sobrenaturais. Enquanto na urbanidade criaturas como saci-pererê e lobisomem são vistos, predominantemente, como folclore, ainda hoje em áreas rurais, algumas pessoas convivem com esses mitos como parte integrante de suas realidades e concepções de mundo. (Reis; Côco, Chisté, 2023, p. 9)

Com isso, percebemos a importância desses contadores de história não somente para repassar e valorizar a cultura, mas também para despertar e incentivar o gosto pela leitura, logo sabemos que podem existir vários meios e práticas pedagógicas para inserir a leitura na vida de um indivíduo, e um deles é por meio da contação de história. Atualmente essa prática

² Figura do conselheiro, curandeiro, feiticeiro e intermediário espiritual de uma comunidade indígena. Disponível em: <https://www.significados.com.br/paje/>. Acesso em: 21 de Jan. de 2025.

ganhou mais destaque e visibilidade na medida em que é percebida a necessidade do domínio da leitura e da escrita, se tornando uma importante ferramenta de incentivo para a formação de leitores (Reis; Côco, Chisté, 2023, p. 11).

Contudo que foi dito, percebemos o quanto a contação de histórias está presente no nosso dia a dia, desde os primórdios quando o homem utilizava por meio de desenhos nas paredes para passar informações e acontecimentos, ao passar do tempo a contação de história foi ganhando mais reconhecimento nas vozes dos grandes contadores, que utilizavam da prática não só para repassar acontecimentos, ensinamentos, mas também como uma forma para preservar sua cultura.

O ato de contar histórias ganhou espaço na nossa sociedade, principalmente nas escolas, onde é valorizada e usada como incentivo para a formação de futuros leitores. Contar histórias é contribuir para o desenvolvimento da imaginação e curiosidade de quem o ouve, é estimular a leitura, é contribuir para o pensamento crítico, contar histórias é uma arte, vista por uns como um prazer literário, por outros como um hobby³ e para muitos é um meio de viajar no tempo, conhecer e vivenciar de forma única vários cenários com múltiplos contextos e linguagens.

É considerável relembrar que a contação de histórias por ser considerada uma prática pedagógica significativa principalmente na Educação Infantil, tende a proporcionar às crianças experiências que ultrapassam o simples ato de ouvir narrativas. Essa prática pode proporcionar ao uma viagem no mundo da imaginação, onde cada criança é protagonista da própria história

Segundo Abramovich (1989) ler para crianças é muito mais do que narrar histórias, é viver juntamente com elas as situações dos personagens, é uma troca de risos e gargalhadas a cada cena engraçada ou palavra nova encontrada no livro, é de fato vivenciar momentos únicos e divertidos a cada vez que ler.

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento [...] (Abramovich, 1989 p. 17).

No que se refere ao desenvolvimento cognitivo, a contação de histórias tem grande importância, a vista que, estimula a imaginação, a criatividade e a capacidade de simbolização, que são aspectos essenciais para a construção do pensamento abstrato. Segundo

³ Palavra inglesa frequentemente usada na língua portuguesa e que significa passatempo, ou seja, uma atividade que é praticada por prazer nos tempos livres.
Disponível <https://www.significados.com.br/hobby/>. Acesso em: 19 Jan. de 2025.

Dohme (2000 apud Santos, 2011, p.10) “as histórias são ‘Abra-te sésamo’ para o imaginário, onde a realidade e a fantasia se sobrepõem”. Dessa forma, a imaginação ganha vida no imaginário das crianças no momento das narrativas quando elas são sujeitadas a criar cenários de acordo com o contexto da história que está sendo narrada.

Segundo Vygotsky (2007), a imaginação é uma das principais funções psicológicas superiores, desenvolvendo-se a partir das interações sociais e das experiências vividas. Durante o momento da contação de histórias, as crianças são expostas a novas ideias, conceitos e vocabulários, ampliando seu repertório linguístico e promovendo o desenvolvimento da linguagem, que é central para a mediação das experiências humanas e o aprendizado cultural. Do mesmo modo, os livros têm o poder de nós teletransportar para diversos cenários, pois é durante as narrativas que as crianças são convidadas a viajar e conhecer outros lugares através das histórias narradas, além de também proporcionar diversos tipos de conhecimentos acerca de temáticas importantes para a escola. Assim, Abramovich (1989) cita:

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula [...] (Abramovich, 1989, p. 17)

De acordo com isso, se torna também de grande importância mencionar que um bom preparo de um ambiente aconchegante e acolhedor influencia no imaginário da criança que, conseqüentemente, se sentirão à vontade e poderão desfrutar do momento da contação de histórias de uma forma que pode se tornar enriquecedora e mágica. Além disso, as narrativas podem favorecer o desenvolvimento da atenção, da memória e da habilidade de inferir significados, logo quando a criança se interessa pelo conto, é provável que sua atenção se volte para ela, onde são estimulados a recordar fatos já narrados para entender o contexto da história e inferir significados a ela.

Como já mencionado, ao ouvir histórias a criança é exposta a vários tipos de informações e aprendizados onde entrarão em contato com novas palavras, ideias, valores e, também são convidadas a viver de forma mágica a história dos personagens, ou seja, todas essas situações são favoráveis para que desenvolvam a compreensão, estimule o pensamento crítico e tenham opinião própria. Portanto, “Quem ouve histórias desenvolve capacidades como o entendimento e compreensão, tornando-se um leitor crítico e formador de opiniões” (Santos 2011, p. 13)

Da mesma forma, Abramovich (1989) destaca que, com a rotina da contação de histórias, a criança desenvolve seu pensamento crítico questionando tudo em sua volta, tendo dúvidas de tudo e perguntando o porquê de coisas.

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente, o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo. (Abramovich, 1989, p. 143)

No que se refere ao social infantil, é possível perceber que desde o ventre materno a criança é exposta a esse cenário, tendo como primeira fonte de socialização a família, e é de lá que vão surgindo os primeiros ensinamentos sobre a vida. Paiva (2010) afirma que “A responsabilidade de formar o leitor, não pode estar só na escola, os pais podem ler para seus filhos, levá-los a biblioteca e livraria, criar hábitos de leitura para desenvolver a criatividade, a linguagem e a escrita” (Paiva, 2010 p.31 apud Pires, 2011, p. 7). Sendo assim, família e escola devem andar juntas em grande parceria, como grandes instituições de grande importância para a formação do indivíduo. No entanto, também deve ser levado em consideração as diversas condições de cada família que evidencia a importância da escola no incentivo e formação de leitores.

Segundo Outhwaite (1996 apud Santos 2011) a escola é uma grande instituição transmissora para o desenvolvimento social da criança, sendo depois da família, a segunda maior potencializadora no quesito social.

[...] Depois da família, as principais agências socializantes nas sociedades ocidentais são: a escola e os grupos dos pares, o ingresso na vida econômica, a exposição aos veículos de comunicação de massa, o estabelecimento de uma família e o casamento, a participação na vida comunitária organizada e, finalmente, as condições de aposentadoria. (Outhwaite 1996, p. 712 apud Santos 2011, p. 18)

Do ponto de vista social, a contação de histórias desempenha um papel fundamental na formação de vínculos e no desenvolvimento da empatia. Ao ouvir narrativas, as crianças entram em contato com diferentes perspectivas, culturas e experiências, trazendo para si a realidade do contexto da história para o mundo real, com isso, pode fazer com que a criança experimente emoções e sensações que os personagens do livro sentiram e o que o autor quis repassar, o que contribui para a construção de sua identidade e para a compreensão do outro.

O contato direto com a contação de história pode levar com que a criança descubra novas emoções e sinta profundamente as aventuras dos personagens de acordo com que as narrativas querem transmitir e dando asas à imaginação.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (Abramovich, 1989, p. 17)

Com base nas ideias de Bruner (1997), as histórias são uma forma de organizar a experiência humana, permitindo que os indivíduos compreendam melhor a si mesmos e os outros. No contexto da educação infantil, essa prática pode promover a cooperação, o respeito às diferenças e a valorização da diversidade cultural, pois através dessa prática e das reflexões que são abordadas em torno das narrativas, a contação de história se torna um instrumento facilitador para a solução de conflitos e um bom recurso modelador na maneira de pensar e enxergar o mundo.

A contação de histórias também assume uma dimensão afetiva, pois frequentemente está associada a momentos de acolhimento e interação entre adultos e crianças. A rodinha é um dos momentos que tem grande participação dessa troca de afeto entre professor e alunos, onde acontece não somente o ato de contar histórias, mas também a partilha do cotidiano de ambos, educador e educando. Essa relação de proximidade facilita a criação de um ambiente seguro e estimulante para a aprendizagem. Segundo teóricos como Winnicott (1975), o ambiente é fundamental para o desenvolvimento emocional da criança, e a prática de ouvir histórias pode oferecer um espaço simbólico no qual ela se sente acolhida e compreendida.

Desse modo, ainda é considerável mencionar a importância e a responsabilidade que a literatura infantil tem para a formação da criança. Pois, além de facilitar seu desenvolvimento e a consciência de mundo, proporciona também o pleno deleite a quem ouve e narra histórias pelo simples fato de gostar e, ainda permite o divertimento de forma livre e espontânea.

Daí a importância da literatura infantil [...] cumprindo sua tarefa de alegrar, divertir, emocionar o espírito de seus pequenos leitores ou ouvintes, leva-os de maneira lúdica, fácil, a perceberem e a interrogarem a si mesmos e ao mundo que os rodeia, orientando seus interesses, suas aspirações, sua necessidade de auto-afirmação ou de segurança, ou lhes propor objetivos, ideias ou formas possíveis (ou desejáveis) de participação social. Portanto, é ainda o livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência-de-mundo das crianças e jovens (Coelho, 1981, p. 4).

Portanto, a contação de histórias na educação infantil não é apenas uma estratégia lúdica ou um passatempo sem valor, mas sim uma prática integral que articula dimensões cognitivas, sociais e emocionais do desenvolvimento infantil. Compreendê-la em sua totalidade é essencial para planejar intervenções pedagógicas que favoreçam o pleno

desenvolvimento das crianças, respeitando suas especificidades e necessidades. A partir dessas considerações, faz-se necessário que educadores reflitam sobre como integrar essa prática de maneira intencional em suas propostas pedagógicas, aproveitando seu potencial transformador para promover aprendizagens significativas e formar cidadãos críticos e sensíveis.

4 AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

É relevante salientar que defendemos a contação de histórias como instrumento crucial para o desenvolvimento cognitivo e social e a entrada da criança no mundo da leitura. Com isso, esse instrumento pedagógico não deve ser visto apenas como um passatempo para acalmar e distrair as crianças ou ser utilizado de qualquer forma e sem planejamento, mas que também possa ser usado como uma ferramenta pelo professor para que possa integrar de forma lúdica os diversos conhecimentos.

Antes do momento da contação de história existem algumas práticas que podem ser seguidas para uma melhor experiência, tanto para quem lê quanto para quem ouve, melhorando assim esse momento único de leitura a cada vez que é iniciado e vivenciado. Mencionaremos as estratégias de leitura como importantes componentes que podem ser utilizados antes, durante e depois do ato de contar histórias. Assim, segundo Cantalice (2004) as estratégias de leitura podem ser consideradas métodos ou técnicas usadas por leitores para obter informações, além de também serem procedimentos ou atividades que auxiliam em uma melhor compreensão da leitura.

É relevante mencionar que as estratégias de leitura são importantes desde a Educação Infantil mesmo que as crianças ainda não consigam codificar e decodificar textos, o professor deve se apropriar das estratégias definindo sua utilidade para aquele momento e contexto integrando e interagindo com os alunos proporcionando para uma melhor compreensão do texto lido ou da história narrada pelo professor. De acordo com Pressley (2002), são sete estratégias no ato de ler: conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese

A primeira estratégia utilizada na leitura é o conhecimento prévio. Podemos dizer, que todos nós possuímos conhecimentos prévios acerca de uma diversidade de coisas e informações que aconteceram ao longo das nossas vidas e, esses conhecimentos se manifestam no momento oportuno. Assim também acontece com a criança no momento da contação de histórias, quando o professor mostra a capa do livro que será narrado e pergunta para seus alunos sobre o que eles acham que aquela história vai contar, eles podem formular hipótese de acordo com seus conhecimentos prévios acerca da leitura visual que fazem do livro no primeiro contato antes da leitura, que podem até chegar perto ou acertarem o contexto do livro. São vários os exemplos dessa tão importante e usada estratégia de leitura:

Assim, antes de ler, as crianças geralmente acionam conhecimentos prévios que podem estar relacionados às ideias do texto [...] Passar rapidamente os olhos pela história na pré-leitura, frequentemente, resulta na formulação de hipóteses baseadas

no conhecimento prévio do leitor sobre o que trata e como trata a narrativa. Tais hipóteses representam o começo da compreensão dos significados do texto e serão confirmadas durante a leitura do livro (Souza; Girotto, 2011, p. 14)

Outra estratégia utilizada na leitura é a conexão. Essa prática está ligada ao conhecimento prévio onde a criança que está lendo ou ouvindo a história faz conexão com algum acontecimento que já presenciou em sua vida enquanto lê/ouve a história. Ela pode ser identificada quando a professora mostra a capa do livro que será narrado e a criança identifica o nome de um personagem que já ouviu falar em outra história ou se parece com o nome de algum familiar, “relembrar fatos importantes de sua vida, de outros textos lidos e de situações que ocorrem no mundo, em seu país ou sua cidade, ajuda a compreender melhor o texto em questão” (Souza; Girotto, 2011, p. 14). Essa estratégia se faz muito presente no momento de contação de história onde é ampliado o diálogo entre educador e educandos.

A inferência é outra estratégia aqui mencionada, logo ela é responsável por uma série de conclusões e interpretações acerca do texto que está sendo lido ou da história narrada. Um exemplo de inferência em uma roda de histórias é quando a professora menciona que o personagem do livro estava tremendo muito, a inferência não fica explícita, mas pelo contexto da narrativa é possível que os alunos consigam deduzir se o personagem estava com medo, assustado ou com frio. Assim, a inferência “[...] é uma suposição, ou uma oferta de informação que não está explícita no texto – algo como “ler nas entrelinhas” (Souza; Girotto, 2011, p. 14).

Podemos dizer que a imaginação é algo natural do ser humano e que isso nos acompanha desde a infância, onde é mais comum, mágico e frequente. Pensar e criar cenários imaginários em nossa mente é algo esperado de uma criança, e em especial no momento da contação de histórias, logo, uma outra estratégia de leitura que deve estar junta com a prática da inferência é a visualização. Segundo Souza; Girotto (2011), a visualização acontece quando lemos e a partir dessa leitura criamos em nosso imaginário imagens pessoais e, essas imagens que são criadas a partir desse momento podem manter com mais persistência nossa atenção na leitura.

É importante também discutir perguntas ao texto como uma importante estratégia, ela estimula a leitura, melhora a compreensão do texto podendo até desenvolver o pensamento crítico de quem utiliza desta técnica. Esse exercício também é comum nos momentos de contação de história, onde a professora lança aos seus alunos perguntas acerca da narrativa e, geralmente surgem antes, durante ou depois da leitura. Perguntas prévias sobre as expectativas dos alunos a respeito da história abordada, uma dúvida ou uma inferência que

surgiu no meio da história ou uma pergunta reflexiva sobre as conclusões da narrativa, todas essas situações são exemplos da estratégia de leitura perguntas ao texto.

Além de ajudar em uma melhor compreensão da leitura, a estratégia de sumarização consiste em resumir as principais ideias do texto lido, deixando de lado informações não tão relevantes para a leitura. No momento da contação de histórias, o docente pode fazer uso dessa técnica reescrevendo a narrativa de forma resumida, simplificando a obra e mantendo sua essência. Para Souza Girotto (2011, p.15)

[...] é necessário aprender o que é essencial em um texto, ou seja, buscar a essência, separando-a do detalhe. Ao elencar aquilo que é importante na narrativa, o professor poderá mostrar ao aluno as ideias principais do texto, aumentando, assim, a chance de compreender melhor a história lida.”

Assim, a estratégia de sumarização é bastante usada por professores como forma de simplificar a história e ajudar no entendimento da criança. Outra estratégia utilizada após a leitura é a sintetização, ou seja, quando adicionamos novos elementos e informações na história narrada. De acordo com Souza e Girotto (2011, p.15) “Ao sintetizar, não relembramos apenas fatos importantes, mas adicionamos novas informações a partir de nosso conhecimento prévio, alcançando uma compreensão maior do texto.” Durante o momento da contação de história o professor pode utilizar dessa técnica para pedir que seus alunos narrem com suas próprias palavras uma história já conhecida por eles, fazendo com que aprendam a identificar as essências partes da história.

É interessante recordar que as estratégias de leitura são práticas que facilitam uma melhor compreensão do texto e que não possuem uma ordem específica a ser seguida, e apesar dessas estratégias serem mais persistentes a partir dos anos iniciais do Ensino Fundamental por conta de estarem mais familiarizados com a leitura e da escrita, elas também podem ser visualizadas e adaptadas didaticamente para outras etapas de ensino, tal como a Educação Infantil ao qual é o ponto de partida deste trabalho.

Compreendendo a importância das estratégias e incluindo na rotina escolar, o professor pode possibilitar para que a criança possa além de enriquecer a imaginação, desenvolver também seu pensamento crítico e ampliar seu vocabulário. Assim, o professor mediador conhecendo seus alunos e suas realidades poderá integrar de forma significativa estratégias de leitura que podem ser usadas antes, durante e depois da contação de história, a qual será discutida nos próximos subtópicos.

4.1 Antes da Contação de História

Mencionamos até aqui que, a contação de história é uma ferramenta pedagógica que auxilia no processo de desenvolvimento da criança, trazendo consigo suas principais contribuições que além de estimular a imaginação, ela também amplia o vocabulário infantil, auxilia no desenvolvendo do pensamento crítico, desperta a curiosidade, estimula o gosto pela leitura, melhora a socialização, além de também ajudar a entender melhor suas emoções e sentimentos.

Nesse sentido, é imprescindível refletir as contribuições que essa prática tem de impacto na vida das crianças, por isso, deve ser vista além de uma simples forma de distração, mas sim uma porta de entrada para o mundo da leitura e da imaginação. Por esse motivo é considerável discutir etapas que antecedem o momento da contação de história.

Levar uma história para a sala de aula requer planejamento, fazer uma boa escolha de uma obra literária se torna indispensável para esse momento. Para isso, se torna conveniente que o docente conheça a realidade da sua sala de aula e a singularidade de seus alunos tanto quanto seus interesses, para que assim, possa fazer uma boa escolha literária possibilitando o enriquecimento do momento das narrativas.

Em relação à escolha do livro, vale mencionar que a partir de 2017 o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) passou também a avaliar e a disponibilizar obras literárias de forma gratuita, sendo feita em parceria por meio do Plano Nacional de Biblioteca da Escola (PNBE). Entretanto, segundo o Guia Digital do PNLD, os critérios avaliativos para que essas obras literárias sejam aceitas e distribuídas na escola são: qualidade do texto verbal e do texto visual, adequação de categoria, de tema e de gênero literário, projeto gráfico-editorial e a qualidade do material de apoio. Assim, o docente pode estar efetivando uma boa escolha literária para as narrativas de acordo com os critérios da PNLD e também nos interesses e gostos literários de seus alunos.

Outro fator de relevância é que o professor deva se apropriar da obra antes do momento da narrativa, fazendo uma síntese que facilite seu aprimoramento, dando espaço também para outros elementos que forem surgindo e evitando que se perca ao longo da atividade.

[...] Por isso, ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emocionam ou nos irrita... Assim, quando chegar o momento de narrar a história, que se passa a emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que, por isso, chega no ouvinte [...] (Abramovich, 1989, p. 20)

Nesse contexto, é necessário que o docente antes de começar as narrativas, apresente de forma breve o livro que será trabalhado, discuta o motivo da escolha, apresentando para seus alunos o nome do ilustrador, chamando atenção para os elementos da obra, tais como cores, números se houver, animais, e personagens, elaborando perguntas de antecipação fazendo com que os alunos passem a imaginar possíveis contextos e cenários para que se expressem, levantando teorias do desfecho da história, e deixando também um espaço livre para que haja um diálogo após esses questionamentos. Essas etapas são importantes para que as crianças possam conhecer melhor o autor das narrativas, o gênero da leitura e pôr em prática o uso do conhecimento prévio, consigam também melhorar a interação social entre professor e colegas, fortalecendo vínculos afetivos.

O momento da rodinha é uma das etapas da rotina diária da Educação Infantil que é utilizada por muitos professores como uma oportunidade propícia para contar histórias. É nesse momento em que tudo começa, e é nessa etapa que os alunos entendem o que está por vir e articulam hipóteses acerca do livro. Dessa forma, é necessário que tenham um primeiro contato com o livro que será explorado, sentindo a textura e alimentando a imaginação. Segundo Abramovich (2003 apud Pires, 2011, p. 10), quando a criança demonstra interesse pela leitura, sua imaginação é estimulada, e além de contribuir para o desenvolvimento comunicativo na interação com o narrador e com seus colegas, efetivando uma participação ativa, a criança pode também recontar essa mesma história em outros cenários.

É inegável também citar que, o livro de literatura no momento da contação de história é fundamental, entretanto, o professor não deve se limitar somente à leitura do texto, é sugerido é que vá além do livro, utilizando também gesticulações com as mãos, fazer uso de expressões faciais e alterações de voz. Tudo isso chama atenção das crianças, e fazendo o planejamento prévio da história pode deixar esse momento ainda mais dinâmico. Dessa forma, dialogam com os autores a respeito do uso do livro de literatura:

[...] a contação de histórias não é a leitura do livro, então é importante que o contador a conheça bem, isso permite uma maior expressividade, liberando os olhos e mãos do contador, bem como impede que o contador se perca. É preciso conhecer bem a história para evitar vícios de linguagem, repetições, esquecimentos, etc. Ou seja, ensaiar (Reis; Côco, Chisté, 2023, p.15).

Assim, se faz necessário um reconhecimento ou síntese da história antes de narrar, pois além de permitir uma melhor compreensão do texto lido pelo docente, evita que o narrador se esqueça de um fato muito importante da história ou que se perca no meio da atividade.

É importante também que, antes da contação de história, haja um espaço preparado para acolher essas crianças, deixando-as confortáveis e propícias a navegar nas suas imaginações, seja utilizando almofadas ao chão, personagens recortados fora do livro, uma música temática de fundo ou decoração na sala de aula, todos esses são exemplos para deixar esse encontro acolhedor e marcante, sem contar que pode proporcionar também um melhor desenvolvimento do laço afetivo entre professor e aluno.

É interessante que no momento da contação de história todas as crianças se posicionem em um círculo no chão da sala, de maneira que o livro fique visível para todos, desse modo, facilitará a visualização e um bom entendimento oral da leitura.

4.2 Durante a contação de histórias

Com um bom planejamento, o momento da contação de história se torna mágico e significativo para a criança, tornando-se uma experiência fundamental para o seu desenvolvimento, logo é nesse momento que a criança é exposta a uma descoberta de palavras novas, músicas, cenários, e vários tipos de aprendizados.

Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo com uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras [...] (Abramovich, 1989, p. 18)

Assim, além da contação de histórias poder contribuir para o aperfeiçoamento da imaginação e da criatividade, ela também permite a autoidentificação, ajudando a criança a resolver conflitos comparando a literatura com a realidade, sendo a própria leitura um ato universal, abrangendo diversos temas que agradam inúmeras pessoas independente de idade ou da condição social. A experiência de ouvir histórias pode proporcionar experiências únicas e indescritíveis, fazendo com que cada criança se sinta protagonista na sua própria imaginação. Com isso, Coelho (1997) afirma:

[...] a história é importante alimento da imaginação. Permite a autoidentificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agradar a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida. Descobrir isso e praticá-lo é uma forma de incorporar a arte à vida [...] (Coelho, 1997, p. 12)

É interessante mencionar que a imaginação nos faz transformar a realidade, com isso, pode ocorrer da criança criar novos cenários, interpretar formas diferentes, modificar

contexto e criar novas versões, pois cada pessoa sente e percebe diversas formas, apesar da história narrada ser a mesma. Para Costa (2019, p.19) “Cada pessoa percebe e sente algo diferente por meio das histórias que são contadas ou ouvidas, pois existem duas intencionalidades, a de quem conta a história e a de quem a ouve”. Por isso, torna-se tão necessário essa ferramenta que requer uma boa mediação para ser colocada em prática.

Conforme discutimos anteriormente, a contação de histórias se caracteriza como um recurso pedagógico relevante e que vai muito além do ato de narrar por narrar. Dando sequência mencionaremos a etapa que corresponde ao momento de realizar a contação de história, analisando suas estratégias e impactos no processo de aprendizagem.

Durante a contação de história, as estratégias de leituras podem ser identificadas e integradas de forma mais natural sem que pareça uma imposição ao entendimento da criança. É importante mencionar que o uso da conexão, conhecimento prévio, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese como estratégias de leitura não possuem uma ordem exata a serem seguida, logo depende muito da situação em que o docente irá integrá-las no momento oportuno.

Neste momento é possível fazer uso da visualização, incentivando a imaginação para que consigam descrever as cenas do livro antes mesmo de mostrar as ilustrações, conexão ao relacionar o literário com a vida real perguntando se já vivenciaram algo parecido com a história do personagem, e também o uso da inferência para que formulem hipótese do que poderá acontecer, ou sobre o motivo do comportamento do personagem de acordo com o contexto da história.

Pode-se dizer que a contação de história se torna um momento mágico, tanto para quem ouve e também para quem conta, por isso, ao depender do livro escolhido e da idade das crianças, se torna fundamental que o professor faça uma síntese para facilitar a fluidez da narrativa e evitar o uso excessivo do livro.

Além disso, é importante a participação ativa das crianças durante a contação de histórias, entretanto, é preciso ter um cuidado especial para evitar uma quebra no ritmo da leitura nem abrir espaço para interrupções excessivas. Do mesmo modo, é bastante comum que durante esse momento as crianças queiram fazer perguntas, compartilhar vivências acerca do contexto da história ou até mesmo fazer comentários que não condiz com a narrativa. Para isso, o docente pode dar a opção aos alunos de reservar um tempo exclusivo logo após a história para comentários diversificados. Assim como diz Abramovich (1989), para que a contação de histórias seja um momento envolvente, é necessário que o contador crie um ambiente aconchegante, dê pausas e intervalos para que nesse período de tempo cada criança

possa construir no seu imaginário o contexto da história e dar vidas a sua imaginação.

E para que isso ocorra, é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encanto... Que saiba dar as pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais. (Abramovich, 1989, p. 21)

Todavia, o que queremos aqui não é tornar a contação de história um momento silencioso e metódico, onde as crianças não devem fazer barulho, não devem participar e o professor deve apenas seguir um método. Muito menos omitir as crianças e não deixar com que elas se expressem e perguntem, queremos aqui mencionar possibilidades de uma melhor experiência e compreensão da narrativa, para isso o cuidado com interrupções excessivas, para que os ouvintes não se dispersem e comprometa a coesão da leitura é algo que deve ser observado.

Contudo, de acordo com Oliveira (2006, p. 6) “É importante o professor conhecer o mundo do aluno para dar significado à sua prática educativa. Pois a realização desta se dá quando existe o processo de compreensão professor-aluno, aluno-professor”. Então, é necessário que o professor conheça a realidade da sua sala de aula, e com isso, possa adaptar de maneira didática estratégias de leitura para uma melhor integração e aprendizagem dos alunos, fazendo com que não transpareça como métodos fechados e rígidos, mas como possibilidades.

Para manter a participação ativa dos alunos durante a história, pode ser possível fazer pausas estratégicas para lançar perguntas para as crianças, ou seja, perguntar o que acham que vai acontecer a seguir ou que completem frases, usar objetos variados durante o momento da história dando a oportunidade para que eles consigam sentir texturas diferentes. Além disso, o uso da entonação de voz e expressões corporais são ferramentas que transformam esse momento em uma experiência mais significativa para os participantes. Tom muito alto ou muito baixo podem acabar comprometendo o entendimento da história, por isso, é fundamental que o contador observe a quantidade de crianças presentes no ambiente e analise se o local é propício para o tom de voz imaginado. (Reis; Côco, Chisté, 2023)

Utilizar expressões corporais, imitar efeitos sonoros de acordo com situações do livro ou criar vozes diferentes para cada personagem encontrado, são formas muito simples e fáceis de manter a atenção das crianças sem necessariamente precisar de recursos ou estratégias mirabolantes de chamar atenção, sem contar que também abre oportunidade para que as crianças imitem os mesmos gestos sugeridos pelos professores e aprendam com isso.

Ou seja, em uma história onde o personagem principal é um jacaré, o professor pode facilmente imitar o som do animal e pedir para que os alunos reproduzam o som e simbolizem o personagem com as mãos. Além disso, é fundamental que o contador de histórias mantenha o controle da narrativa mesmo diante da empolgação das crianças, garantir o uso, mas sem o excesso das expressões, gestos e sons fazem com que esses elementos trabalhem a serviço da história, sem desviar do objetivo principal proposto pelo professor (Reis; Côco, Chisté, 2023, p. 16).

4.3 Depois da Contação de História

Ainda em círculo, é interessante que haja um espaço livre para conversas sobre a leitura, logo é esperado que as crianças estejam cheias de dúvidas e comentários a fazer, e esse momento além de ser ideal e oportuno, é também essencial para fortalecer laços afetivos entre professor e alunos que compartilharão suas perspectivas e expectativas da narrativa. Freire (2005) defende que o diálogo não deve ser pensado apenas como ideias prontas a depositar no próximo, mas sim uma troca ativa de conhecimentos e saberes, logo é interessante que aconteça esses momentos para que haja entre leitor e ouvinte o diálogo, trocas ideias e ampliação de seus saberes.

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (Freire, 2005, p. 91).

Além disso, o uso das estratégias de leitura também pode ser adotado depois da narrativa. Depois da história, pode ser feito uma releitura de forma mais breve pelo contador ou pode ser pedido para os alunos sintetizarem com suas próprias palavras destacando as partes da história que mais chamou a atenção e dá espaço para comentários pessoais. Também pode ser feito conexões com outras histórias fazendo comparações entre elas ou acontecimentos que já presenciaram. Fazer uso dessa estratégia torna o momento da história mais envolvente, onde as crianças poderão sentir desejo de compartilhar suas vivências.

Fazer uso de estratégias de leitura é considerável até mesmo que seja na educação infantil, para que haja uma melhor integração dos estudantes com o mundo literário. Contudo, o que deve ser levado em consideração além do contato e do gosto pela literatura que o

docente tem, é também a importância da sua formação literária, pois de nada adianta usar várias técnicas ou instrumentos pedagógicos se o professor não tiver uma boa formação e uma boa experiência com a literatura. Assim, Oliveira (2009) afirma que o professor tem papel fundamental em despertar na criança o gosto pela literatura.

O melhor instrumento e a técnica mais eficiente são o amor e a criatividade, unidos à preocupação com os objetivos do trabalho, com o nosso público e com a mensagem a ser transmitida. É preciso que o professor goste de Literatura infantil, que ele se encante com o que lê, pois somente assim poderá transmitir a história com entusiasmo e vibração. Se o professor for um apaixonado pela Literatura Infantil, provavelmente, os alunos se apaixonaram também. Para ler um texto de Literatura Infantil é preciso ter o coração de criança. Muitas vezes lemos uma história e não gostamos, uma criança lê a mesma história e fica encantada. Isso pode acontecer porque lemos com a cabeça de adulto (Oliveira, 2009, p.15).

Segundo Jorge (2003) é importante que a criança tenha boas experiências com a palavra e a escuta, o que também pode ser dado através da contação de histórias. Assim, ela pode explorar a variedade linguística que nela existe, ser estimulada, ampliar sua imaginação, desenvolver sua criatividade, e se tornar socialmente mais crítica e participar ativamente no mundo em que vive.

É fundamental que a criança possa vivenciar a palavra e a escuta em todas as suas possibilidades, explorando diferentes linguagens, capturando-as e apropriando-se do mundo que a cerca, para que este se desvele diante dela e se torne fonte de interesse vivo e permanente, fonte de curiosidade, de espantos de desejos e descobertas, numa dinâmica em que ela se socialize e se manifeste de forma ativa, cri(ativa), participativa em qualquer situação, não apenas “recebendo” passivamente, mas produzindo e (re)produzindo cultura (Jorge, 2003, p.97).

Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) menciona em seu campo de experiência intitulado como “escuta, fala, pensamento e imaginação” a importância de a criança ter experiências que possam praticar a fala e o ouvir narrativas. Com isso, a BNCC defende as históricas como práticas pedagógicas que contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. (BNCC, p.42)

Em suma, como já mencionado, o ato de contar histórias não deve ser visto apenas como um passatempo, mas sim como ferramenta poderosa, com isso, faz-se relevante planejamento para repensar nessas práticas. Além disso, o uso de estratégias de leitura também se torna importante para uma experiência enriquecedora com a literatura, para isso acontecer é necessário que o professor conheça bem sua turma e faça adaptações em suas práticas pedagógicas de acordo com a realidade dos alunos e seus interesses, garantindo que o ensino não se torne metódicos e superficiais, mas que contribuam significativamente e conduzam a criança para o mundo literário.

Diante do contexto da importância da leitura na rotina escolar e das estratégias de leitura como possibilidade de incentivo à formação de leitores, iremos apresentar na próxima seção como aconteceu a pesquisa em uma escola pública que atende ao público a Educação Infantil no município de Codó, Maranhão.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, pois diferente da pesquisa quantitativa que corresponde a enumeração e medidas, uma das principais características da pesquisa qualitativa, além do direcionamento a um público específico e da seleção temática, é a elaboração de uma parte descritiva onde o pesquisador entra em contato direto com o participante, e de acordo com isso busca entender os fenômenos na visão do integrante.

[...] a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento; além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos. Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, é freqüente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir, daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados. (Neves, 1996, p. 1)

Dessa forma, a abordagem qualitativa torna-se importante não apenas para conhecer com mais profundidade a parte teórica do tema escolhido baseado em autores que narram com mais profundidade a temática escolhida, mas também para analisar e compreender a realidade de cada um dos participantes, comparando e entendendo os fenômenos estudados e expandindo o conhecimento de mundo do pesquisador.

Para que se cumpra com os objetivos propostos nesta pesquisa, foi feita uma busca pelo Google Acadêmico, em livros e em documentos que correspondem com a temática pesquisada. Os textos escolhidos e que foram norteadores para um primeiro contato com o assunto, foram por meio de Santos (2011), Costa (2019), Gonçalves; Lopes (2020), Reis; Côco, Chisté (2023), dentre outros. Esses artigos abordam de maneira simples e abrangente desde os primeiros contadores de histórias na sociedade, descrevendo seus meios, formas e desafios de contar histórias para crianças, as narrativas como práticas que exercem grande influência na entrada da criança no mundo da leitura e sua importância para a educação infantil.

Além disso, é coerente citar alguns autores, tais como Cosson (2014) que defende a leitura e a escrita como ferramenta poderosa para a sociedade; Abramovich (1989) que enxerga o ato de contar histórias como uma porta de entrada para o mundo da literatura; Vygotsky (1981) que traz reflexões sobre como a contação de histórias auxilia o desenvolvimento da imaginação infantil e Coelho (1981) que defende a literatura infantil como ferramenta pedagógica, dentre outros autores que abordaram a temática escolhida. Esses autores veem a literatura como ferramenta poderosa para a inclusão social e tratam da

contação de história como instrumento pedagógico fundamental para que a criança se desenvolva socialmente e cognitivamente. Nessa perspectiva, a criança é apresentada como protagonista, onde nos momentos das narrativas são estimuladas ao imaginário, apresentadas a novas palavras e experiências, e a conhecerem diversos tipos de conhecimento e saberes, tomando consciência de si e do mundo à sua volta.

A pesquisa de campo foi realizada na Creche Menino Jesus durante o Estágio obrigatório na Educação Infantil do Curso de Pedagogia do Centro de Ciências de Codó da Universidade Federal do Maranhão. A pesquisa pode ser caracterizada pelo encontro que o pesquisador deve fazer com o participante para firmar suas ideias e interpretações adquiridas ao longo da investigação, ou seja, exige um contato direto com o participante e do local onde será feito a pesquisa. Assim, diz o autor:

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...] (Gonsalves, 2001, p.67).

A Creche Menino Jesus foi fundada em 18 de março de 2013 pelo Padre Giuseppe Pellegrini, sua construção se deu juntamente com toda a comunidade no propósito de melhorar a acessibilidade à educação das famílias mais carentes. A instituição oferece atendimento exclusivamente na etapa da educação infantil e funciona apenas no período da manhã. As informações da escola fornecidas pela gestora da escola que autorizou a realização da pesquisa (Apêndice B)

Figura 01: Fachada da creche.



Fonte: Marta Denise, 02 de abril de 2025.

A instituição conta com uma infraestrutura composta por: uma ampla área externa na frente da escola, conforme vemos na Figura 1, um grande pátio interno com escorregador, balançador, gira-gira e outros brinquedos que ficam expostos efetivamente para o divertimento das crianças nas horas livres. Na entrada principal é encontrado um corredor que faz ligamento com as quatro únicas salas de aulas que correspondem ao maternal I para crianças de 2 anos, maternal II para crianças de 3 anos, pé-1 para crianças de 4 anos e pré-2 para crianças de 5 anos. Nesse mesmo corredor é localizado dois banheiros infantis, sendo um destinado às meninas e o outro para os meninos. Esses banheiros foram projetados especialmente para esse público, pois suas instalações correspondem à altura das crianças que facilitam o acesso e a autonomia.

A escola também conta com uma cozinha para a realização da merenda escolar, uma despensa para guardar materiais pedagógicos e brinquedos, um banheiro para professores e funcionários e a secretaria, que também é compactuada com um pequeno espaço de leitura, onde são expostos livros de literatura infantil e paradidáticos. Ao todo, a Creche possui 18 funcionários, dentre eles, 4 professoras titulares e 4 auxiliares de turma, que atuam somente no turno matutino. A equipe também é composta por outros 10 funcionários que garantem a organização e o bom funcionamento da instituição.

A escolha da instituição se deu devido ao primeiro contato no estágio que foi muito marcante e significativo, cheio de memórias e aprendizados positivos, onde também foram criados laços afetivos com todas as crianças da turma e por receber um bom acolhimento por toda a equipe da instituição.

É importante mencionar que o primeiro contato com a escola aconteceu durante o estágio no início de 2023 e que foi necessário retornar ao campo de pesquisa no final do ano seguinte. Ou seja, primeiramente foi realizado as observações em sala, tendo tido a oportunidade de desenvolver o projeto *“Era uma vez: criando minha própria história”* voltado para as crianças da turma do Pré-I, crianças com 4 anos, com o objetivo de compreender os impactos da contação de histórias no desenvolvimento infantil em sala de aula.

Segundo os estudos de Sebastião (2022), o estágio representa um contato profissional inicial que o estudante vai ter com a sua tão sonhada área profissional escolhida, por isso se torna um fator de grande relevância na vida acadêmica, sendo uma experiência que provém significativas aprendizagem e desenvolvimento pessoal e profissional para o

discente, fazendo com que ele experimente ainda dentro da academia, a futura rotina que irá aderir após a sua formação.

Além disso, o autor ainda destaca que o estágio se configura como uma etapa de intervir e investigar, colocar em prática e reformular estratégias e ideias, pois é um ambiente coletivo, porém se torna singular ao conhecer a realidade da sala de aula, dos alunos ali inseridos ou no geral, da instituição integrada. Por isso, destacamos aqui a importância do estágio, sendo um evento preparatório na vida do estagiário e um fator onde se adquire o senso crítico e reflexivo que leva além da evolução da vida profissional, para vida pessoal, preparando profissionais capacitados que buscam inovações na metodologia, contribuindo para o ensino-aprendizado no processo educacional (Sebastião, 2022). Além de também ser um período em que o licenciando estagiário troca experiências e vivências com outros funcionários da instituição que já trabalham na área e os próprios alunos matriculados

Além disso, faz-se necessário abordar o estágio supervisionado como uma conjuntura fundamental para que o aluno experimente na prática, boa parte da teoria adquirida ao longo do curso, além de ser importante para a troca de experiências e aprendizagens do estagiário com outros profissionais da área que, também passaram pelo mesmo processo de investigação. Com isso, Sebastião (2022) afirma que o estágio para a formação docente se torna um ambiente fundamental para que o aluno experimente situações cotidianas que haverão de anteceder seu futuro profissional.

Na formação do professor, o estágio supervisionado é o ambiente de realizar atividades que requerem intervenção pedagógica no ambiente educacional, adquirindo experiências, habilidades e conhecimentos. É o momento de investigar e observar, possibilitando que o estagiário/aluno vivencie situações reais do seu futuro trabalho integrando a teoria e a prática. (Sebastião, 2022, p. 3)

No ano seguinte ao estágio, foi concluída a pesquisa de campo com o público docente da mesma instituição. Foram realizadas entrevistas individuais com todas as professoras das quatro turmas da instituição. As entrevistas tiveram como objetivo compreender a perspectiva dos participantes em relação à temática abordada, e assim, por meio de investigações e diálogos, interpretá-los e descrevê-los. Em relação às entrevistas, as participantes foram as quatro professoras correspondentes às quatro turmas existentes. Apesar da instituição contar em cada sala com uma auxiliar, a entrevista se deu somente com as docentes atuantes, selecionadas conforme a necessidade de entender as diferentes perspectivas docentes acerca do objetivo da pesquisa.

A entrevista ocorreu de forma presencial e com o contato direto com o pesquisador e o participante, a organização do roteiro de perguntas continha 13 perguntas, tendo 12 com

perguntas abertas e apenas 1 fechada e objetiva (Apêndice A). Para garantir um ambiente de segurança e confiança, a aplicação da entrevista ocorreu em uma sala de aula vazia depois do horário de aula convencional da aula, permitindo que as professoras respondessem oralmente às perguntas de maneira livre e espontânea, com base em suas vivências e experiências docentes.

Silva et al (2006) destacam a entrevista como a forma mais utilizada na pesquisa qualitativa. Assim, esse tipo de coleta de dados capta com mais profundidade a subjetividade do participante entrevistado, por necessitar da interação e interpretação entre o material coletado e os indivíduos direcionados à pesquisa.

[...] as entrevistas, as quais captam a subjetividade dos participantes, favorecem a intervenção dos agentes em sua realidade ou criam condições de transformar os contextos estudados. Pelo fato de a natureza do objeto do estudo exigir interação entre pesquisador e pesquisado para contextualizar as experiências, vivências, sentidos, utiliza-se a entrevista como uma técnica especial para a coleta de informações diretas dos sujeitos investigados. (Silva, et al., 2006, p. 247)

A entrevista teve como objetivo verificar a presença e a frequência da contação de histórias na instituição, compreendendo a percepção dos professores sobre essa prática no contexto da educação infantil, além de investigar as estratégias de leitura utilizadas por eles durante a contação de histórias. Para manter a preservação da identidade das participantes, as docentes foram nomeadas neste texto, respectivamente, como professora A, professora B, professora C e professora D. Importante mencionar que todas as professoras participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) que consta no apêndice C.

Além disso, se torna coerente citar o caderno de campo como instrumento fundamental para anotações detalhadas de reflexões e informações adquiridas durante o período de observação, se tornando um grande aliado para o pesquisador. Assim, podemos dizer que os resultados desta pesquisa se deram a partir da análise das observações no estágio, anotações do caderno de campo e as entrevistas semiestruturadas realizadas com as professoras. Assim José Filho (2006, p.64) afirma: “O ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”

6 A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CRECHE MENINO JESUS

Nesta seção será apresentado a prática da contação de história na Creche Menino de Jesus em duas perspectivas: a partir da experiência no estágio supervisionado da Educação Infantil realizado durante o curso de Pedagogia do CCCO da UFMA; e na perspectiva dos docentes da escola a partir das entrevistas realizadas, compondo as discussões dos dados construídos nesta pesquisa.

6.1 A Contação de Histórias durante o Estágio Supervisionado

Durante a experiência do estágio obrigatório na Educação Infantil realizado no primeiro semestre de 2023 em uma turma do Pré-I com crianças de aproximadamente 4 anos, foi possível analisar de que forma as práticas pedagógicas de narrar histórias foram desenvolvidas na instituição pesquisada. Faz-se necessário mencionar que o estágio foi organizado em três etapas: observação, regência e projeto de intervenção.

Durante o período de observação, foi notado na instituição um costume muito preciso em sua rotina escolar, relacionado com a presença da contação de história, aplicado tanto em sala de aula quanto em conjunto com outras turmas da escola. Foi observado que todas as turmas se reuniam no pátio da escola nas segundas, quartas e sextas-feiras para prestigiar as crianças com atividades de musicalização, brincadeiras, contação de história e a realização de uma oração em conjunto. Todas essas atividades ocorreram no início das aulas.

A sala de aula do Pré-I, turma onde ocorreu o estágio, era composta por um total de 22 alunos, uma professora titular e uma professora HP.⁴ Foi observado que, apesar do espaço da sala ser pequeno, levando em consideração a quantidade de alunos matriculados, a organização da rotina da sala e as decorações pedagógicas que nela havia, eram todas muito bem estabelecidas.

Segundo a professora regente, cada decoração existente na sala tinha um objetivo pedagógico, como os combinados da turma, que visavam fazer as crianças entenderem que, em uma sala de aula, existem regras que precisam ser respeitadas e que não se pode desrespeitar o coleguinha. Dessa forma, a decoração da sala de aula era composta por um

⁴ Uma professora HP (Horário Pedagógico), é aquela docente que cobre o horário da professora regente da sala de aula. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/11308/Berti_Jaqueline.pdf?sequence=1&isAllowed=y

alfabeto móvel posicionado na altura das crianças, a chamadinha com os nomes escritos em letras maiúsculas, os combinados da turma, a lista de aniversariantes, a identificação do clima do dia e a contagem dos alunos, separando entre meninos e meninas, além do tema da sala ser do desenho animado “*Baby Looney Tunes*”. A seguir apresento as duas rotinas diárias da sala de aula do Pré-I, uma de segunda, quarta e sexta; e, a outra de terça e quinta-feira.

Quadro 01 Rotina da creche às segundas, quartas e sextas-feiras

Horário	Atividade	Descrição
07:00 07:15	Chegada das crianças	As crianças eram recepcionadas pelos docentes nas suas respectivas salas
07:15 07:50	Oração, história e musicalização em conjunto	Todas as crianças eram convidadas para se locomover até o pátio da escola onde ocorrerão as atividades propostas
07:50	Retorno para a sala de aula	Todas as crianças eram convidadas a retornar para a sala de aula onde ocorrerão as atividades
07:51 08:00	Bom dia, Chamadinha	A docente iniciava as aulas cantando uma música de bom dia e fazendo a chamada para conferir os alunos presentes
08:00 08:20	Quantos somos, Previsão do tempo, Aniversariantes do dia/mês e Combinados da turma	A docente dava continuidade a rotina escolar fazendo a contagem dos alunos, a previsão do tempo, recordar os aniversariantes e reforçava os combinados da turma
08:20 09:30	Atividade no livro	As atividades nesse horário geralmente eram empregadas no livro didático
09:30 10:00	Lanche e intervalo	Nesse momento, havia uma pausa nas atividades para o lanche, seguida de um período livre, em que as crianças podiam brincar e se divertir no pátio da escola.
10:00 11:00	Atividade e tempo livre	Geralmente as atividades eram baseadas de acordo com a temática do livro didático e na folha A4, e posteriormente, seguia de um tempo livre para as crianças brincarem na sala de aula com seus brinquedos ou massinha de modelar
11:00	Saída	Organização e preparação para a saída

Fonte: arquivos Marta Denise (2025)

Quadro 02 Rotina da creche às terças e quinta-feira

Horário	Atividade	Descrição
07:00 07:15	Chegada das crianças	As crianças eram recepcionadas pelos docentes nas suas respectivas salas
07:15 07:30	Oração, Bom dia e musicalização	Para dar abertura às aulas, era feita uma oração inicial e cantadas músicas de bom dia e cantigas de roda

07:30 07:50	Chamadinha, quantos somos, Previsão do tempo, Aniversariantes do dia/mês e Combinados da turma	A docente dava continuidade a rotina escolar fazendo a chamada dos alunos, contagem de meninas e meninos, a previsão do tempo, mencionava os aniversariantes e reforçava os combinados da turma
07:50 08:30	Atividade no livro	As atividades nesse horário e nesse dia, geralmente eram no livro didático
08:30 09:30	Atividade na folha	As atividades na folha eram de acordo com a temática do livro didático (atividades de pintura ou colagens)
09:30 10:00	Lanche e intervalo	Nesse momento, havia uma pausa nas atividades para o lanche, seguida de um período livre, em que as crianças podiam brincar e se divertir no pátio da escola.
10:00 11:00	Tempo livre e preparação para a saída	Nesse momento, as crianças tinham um tempo livre para as brincarem na sala com seus brinquedos ou massinha de modelar, e logo após eram organizadas e preparadas para a saída

Fonte: arquivos Marta Denise (2025)

Conforme foi observado nos dois quadros acima que representa a rotina diária da Creche Menino Jesus, e levando em consideração a importância da contação de história na Educação Infantil, foi possível perceber que a contação de histórias estava presente três vezes por semana, o que é considerável, mas não o suficiente, pois deveria ser rotineiro. Na maioria das vezes, as histórias em conjunto eram contadas pelas professoras da turma, que se revezavam entre si ao longo da semana, ou até mesmo pela própria gestora, que animava e fazia as crianças dançarem após as narrativas. E quando essas narrativas não aconteciam no pátio da instituição, eram realizadas individualmente nas salas e de acordo com cada docente. No geral, eram momentos muito agradáveis e interessantes, pois promovia a diversão com a aprendizagem e estimulava a socialização entre os alunos das diferentes turmas. Nesse sentido, Abramovich (1989) discute a importância do hábito das narrativas para uma criança.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo[...] É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos[...] (Abramovich, 1989, p. 16-17)

No que se refere à prática escolar de se reunir para narrar histórias, foi possível perceber que as crianças gostavam muito desse momento e sempre ficavam atentas às narrativas e participavam efetivamente fazendo perguntas e contribuindo para o enredo. As estratégias que eram usadas pelos docentes durante as narrativas também foram outro ponto observado. Foi possível perceber que, no momento inicial das narrativas, era feita a

apresentação da capa do livro, destacando o autor e o ilustrador, chamando a atenção para os elementos que compunham o livro, bem como o uso efetivo das estratégias durante as histórias, como o uso de perguntas ao texto para incentivar a participação das crianças e ativar seus conhecimentos prévios: *“Alguém sabe o que essa historinha vai contar?”*, *“Vocês já ouviram essa história antes?”*, *“Quais são os elementos presentes na capa do livro?”*. Fazer perguntas ao texto eram comuns durante as atividades. Além disso, realizavam outras estratégias de leitura como a sumarização e a sintetização das histórias, para que não se tornassem muito longas e, dessa forma, evitassem a dispersão dos alunos. Com isso, percebe-se a presença do uso das estratégias de leitura que favoreciam o leitor/ouvinte a compreender que a leitura não se intitula apenas no ato de codificar, mas em estratégias para compreendê-la com fluidez e profundidade (Brasil, 1998, p.41). Assim, foi possível observar uma boa inclusão das estratégias de leitura utilizadas pelas docentes no momento das narrativas, que ocorriam dentro ou fora da sala de aula.

Pode-se afirmar que o período de observação foi um momento de muita aprendizagem e diversão. Inicialmente foi notado que as crianças chegavam bem tímidas e desconfortáveis com a minha presença, mas ao mesmo tempo, demonstravam curiosidade em me conhecer e mesmo tímidos, faziam de tudo para chegarem perto e me contarem ou mostrarem algo. Durante esse tempo, foi notado e adquirido muitas práticas e saberes acerca da realidade da sala de aula e algumas dicas pedagógicas, mas algo que teve minha grande atenção foi em relação a afetividade da professora com seus alunos. Antes de começar a aula, a docente se direcionava para a porta da sala e aguardava seus alunos chegarem, que posteriormente eram recebidos com abraços e palavras de carinho. De acordo com Cunha (2008, p. 51), *“Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação”*.

Conforme foi observado entre a experiência citada e outras diversas vivenciadas, a professora regente demonstrava na maioria das vezes afeto com seus alunos e vice-versa, o que era percebido que nessa interação entre eles facilitam o aprendizado nas atividades propostas, pois se sentiam confortáveis com a docente.

Em contexto com a minha experiência afetiva com os alunos, não demorou muito para os olhares de desconfiança e constrangimentos serem trocados por muitos beijos, sorrisos e abraços, pois mesmo inicialmente só observando a sala de aula e a maneira que a professora regente administrava a turma, as crianças criaram um vínculo muito forte e rápido comigo. Com o ganho da confiança e do carinho pelas crianças, facilitou a forma de olhar a turma e a maneira de planejar a aula no período da regência.

Assim, discute Giancaterino (2007) acerca da afetividade professor-aluno e de como o processo de aprendizagem é constituído por meio dela. “O processo educacional não é um processo isolado; é constituído conjuntamente por professores e educandos na interação e com vínculo na afetividade, na participação, na cooperação de ambos, construindo-se e acomodando-se, assim, a aprendizagem” (Giancaterino, 2007, p. 74).

Antes de adentrar de fato na fase da regência proposta pelo estágio, tive uma breve participação com a experiência de contar histórias para os alunos na turma do meu estágio. A docente deixou livre a escolha do livro de literatura que seria lido, mas foi conversando com os alunos que chegamos a uma escolha. As crianças escolheram uma história já conhecida por elas: “*A cigarra e a formiga*”, de Telma Guimarães, que seria contada no próximo encontro. Na ausência do recurso pedagógico, o livro de literatura, adaptei e confeccionei de maneira simples os personagens principais da narrativa (figura 2), além disso, foram utilizadas algumas estratégias de leitura, como a síntese para relembrar fatos importantes e um pequeno resumo da obra, perguntas ao texto para que as crianças se sentissem participativas da narrativa, e o uso dos conhecimentos prévio, para que os alunos pudessem mencionar aquilo que já sabiam da história. E assim, ocorreu esse primeiro e marcante contato com as crianças no estágio.

Figura 2: Recursos pedagógicos utilizados



Fonte: arquivos Marta Denise (2023)

Logo após a experiência, notei que não é necessário o uso de recursos mirabolantes ou uma infinidade de ferramentas para executar uma contação de histórias, pois essa prática pode ser feita com criatividade, transformando objetos simples do nosso cotidiano como personagens dos livros. É preciso também ter sensibilidade, demonstrando por meio de expressões faciais ou gestos, as reações e sensações dos personagens, e também a intenção de

envolver os sujeitos nas narrativas. Assim percebi que, crianças são curiosas, gostam de ouvir e serem ouvidas.

Na minha regência, onde pude ter mais autonomia e tempo com elas, iniciava as aulas com uma rodinha de conversa sentados ao chão, que posteriormente seria tomado pelo momento da contação de histórias. Nesses momentos, percebi a extrema necessidade que sentiam de falar sobre as coisas mais comuns do seu dia, como o que comeu no café da manhã, o brinquedo que ganhou de presente e até compartilhar emoções pessoais. Então, foi notado o quanto as crianças gostavam daquele momento a partir de cada curiosidade que surgia a cada livro novo lido, as perguntas que apareciam no mesmo dia sobre qual seria a próxima história, o anseio em saber se no dia seguinte me veriam, a cada pergunta que se manifestava sobre a narrativa, a cada troca de conhecimento entre mim e elas, a cada sorriso e reação em seus rostinhos por conta da história. Tudo se tornou mágico e enriquecedor, e foi nesses momentos que pude comparar e pôr em prática os conhecimentos adquiridos ao longo da minha jornada acadêmica.

Miranda (2008) discute a importância do professor no estímulo ao processo ensino-aprendizado dos alunos, revelando que o aprender se torna mais interessante quando há motivação. Levando em contexto com a prática pedagógica de se contar histórias, onde são estimuladas não somente a imaginação, mas também o desenvolvimento do pensamento crítico, a afetividade, a atenção etc. O professor ao integrá-las à sua rotina escolar, promove também um ambiente de aprendizagem significativa, onde a leitura se torna uma prática natural e prazerosa. Assim, diz o autor:

O aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. O prazer pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois, não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo em alguns casos encarada como obrigação. Para que isto possa ser mais bem desenvolvido, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenrolar das atividades em sala de aula (Miranda, 2008, p.3)

Ainda se torna importante salientar, que o planejamento das atividades e aulas da instituição, ocorriam semanalmente, ou seja, todas as sextas-feiras, professores e gestores se juntavam para planejar as temáticas de aula que seriam trabalhadas durante a semana. Então, durante o período de regência, tive total acesso ao plano de aula diário da turma, mas não tive total autonomia para modificá-lo, pois o plano de aula já havia sido sistematizado a fim de ser seguido. Apesar disso, eram pensados em jogos e atividades lúdicas de acordo com o tema do plano de aula para facilitar a compreensão dos conteúdos, mas também desenvolvidos para socialização e divertimento das crianças.

Levando em consideração que as práticas pedagógicas de contar escolas na Creche Menino Jesus ocorriam nas segundas, quartas e sextas-feiras da semana no pátio da instituição em conjunto com outras turmas, e às vezes dentro da sala de aula, no período de regência passei a frequentar a escola nas terças ou quintas-feiras da semana, no intuito de contribuir para o uso diário da prática pedagógica de narrativa histórias para as crianças.

Assim, sempre em dias de regência, levava uma história do meu próprio pequeno acervo para ser contada, e em alguns casos, eram dadas opções para os alunos, que escolhiam de acordo com seus gostos e interesses. Com isso, durante a regência, o uso da contação de histórias na instituição pesquisada, não se dava somente para a fixação ou complementação de um conteúdo escolar imposto, mas principalmente para proporcionar o deleite e o prazer de ouvir narrativas e viajar no mundo da imaginação. A seguir, encontra-se a sequência dos livros de literatura que foram utilizados respectivamente ao longo da regência. No primeiro dia de regência foi contada a história “1,2, 3 Circo”.

Figuras 3: Momento da contação de história



Fontes: arquivos Marta Denise (2023)

Nesse dia, a proposta do plano de aula sugerido pela professora regente era o de desenvolver atividades com números de 1 a 10. Dessa forma, no início da aula, foi realizada uma roda ao chão para dar início ao momento de partilhas, e em seguida o momento de musicalização, no qual foram utilizadas as músicas “*Mariana*” e “*Um elefante incomoda*” de autoria da produtora de animações brasileiras voltadas para o público infantil, Galinha Pintadinha. Para cumprir o objetivo proposto no plano de aula, logo após a musicalização, com ênfase nos números trabalhados, deu início ao momento da contação de história, cujo livro utilizado foi “*1, 2, 3 Circo*” de Guido Van Genechten.

Figura 4: Livro de Literatura Infantil

Fonte: <https://images.app.goo.gl/oxAXXRiLPxXtrzq56>

A seguir, é apresentada uma sequência de livros de literatura que também foram inseridos para dar início às atividades de contação de histórias dentro do período de regência na instituição.

Figura 5: Livro de Literatura Infantil: O presente da fada

Um dos livros utilizado para o momento da contação de histórias foi a obra “*O presente da Fada*” de Sérgio Magalhães”. Nessa ocasião, a temática sugerida pelo plano de aula, correspondia ao exercício dos valores humanos, e assim foi inserida a obra. O momento se deu inicialmente com a formação de uma roda ao chão, permitindo que todos os alunos pudessem ver e ouvir com atenção. Além disso, o livro foi entregue a todas as crianças da roda para que pudessem senti-lo e suas mãos e formular hipótese com base em seus conhecimentos prévios. Ao final da contação foi feito um momento de partilha da história.

Fonte: <https://images.app.goo.gl/VzUggxYKxLBfomB69>

Figura 6: Livro de Literatura Infantil: O segredo do quintal

O livro “*O segredo do Quintal*”, de José Walter Pires, foi um dos livros selecionados para o momento da contação de histórias, com o objetivo de trabalhar a temática do plano de aula, que tratava de animais. Como de costume, o momento se iniciou no chão da sala de aula, seguindo com a exploração do livro e por fim, a contação e a partilha da narrativa.

Fonte: <https://images.app.goo.gl/NuSRATeDWh6xWgm7>

Figura 7: Livro de Literatura Infantil: Carolina Trovão



O livro “*Carolina Trovão*”, de Vicência Jaguaribe, já era um livro conhecido pelos alunos e foi sugerido pela professora para uma releitura. Nesta ocasião, não houve a conexão com nenhuma das temáticas sugeridas pelo plano de aula, significou-se uma leitura escolhida para que as crianças tivessem o prazer de ouvi-las novamente e reviver sensações semelhantes ou diferentes das experimentadas na primeira vez em que foi narrada.

Fonte: <https://images.app.goo.gl/WZgPUMeq4GHetfz39>

Figura 8: Livro de literatura infantil: O Baú de Surpresas

O livro “*O Baú de Surpresas*”, de Mariane Bigio, foi uma obra sugerida pela escola para trabalhar o projeto “*Maleta viajante*”, que tinha como objetivo a circulação do livro literário entre todos os alunos da turma. Cada criança levava para casa a maleta com o livro e alguns recursos pedagógicos, e no dia seguinte, o objeto deveria ser passado a outra criança, até todas tivessem acesso ao kit. Minha participação se deu na confecção dos brinquedos existentes dentro da maleta e a narração da história no dia da culminância



Fonte: <https://images.app.goo.gl/FgVjU>

Com as experiências das contações de histórias introduzidas sempre no início das aulas, foi possível perceber que as crianças demonstravam com muito entusiasmo e curiosidade o momento da próxima atividade. Na maioria das vezes, a participação dos alunos acontecia de forma efetiva, participando com perguntas e contribuindo para o contexto das narrativas, mas também, havia casos de pouca participação ou inquietação por parte das crianças, constituindo assim, um dos maiores desafios enfrentados durante as experiências, a dificuldade de prender a atenção dos alunos e a produção de recursos lúdicos para a implementação no plano de aula.

A terceira etapa do estágio foi o desenvolvimento do projeto de intervenção de autoria própria intitulado por “*Era uma vez: criando minha própria história*”, que teve como objetivo incentivar a contação de histórias para as crianças da pré-escola, estimulando a imaginação e permitindo que se tornem protagonistas de suas próprias histórias. A proposta pedagógica teve como objetivo finalizar a experiência do estágio com um momento de divertimento e aprendizagem entre pesquisador e alunos, proporcionando momentos lúdicos e incentivando o gosto pela leitura.

O projeto de intervenção foi dividido em dois dias, o primeiro consistiu na construção da caixa pedagógica utilizada para a contação de histórias, e no segundo dia, a exposição do material produzido pelas crianças e a contação de histórias conforme a dinâmica da caixa. Assim, faz-se necessário exibir e descrever a programação do projeto realizado na turma do pré-I composta por aproximadamente 22 alunos na faixa etária de 4 a 5 anos de idade.

Quadro 3: primeiro dia e construção da caixa

Momento	Atividade	Descrição
1º	Chegada das crianças	As crianças eram acolhidas na sala de aula
2º	Rodinha, Combinados da turma e socialização do dia	As crianças eram posicionadas em círculo, e sentadas ao chão socializaram seus acontecimentos do dia
3º	Cantigas de Roda e Musicalização	As crianças eram convidadas a cantarem e dançarem músicas de roda e músicas que envolviam movimentação
4º	Contação de História	Nesse momento as crianças eram convidadas ouvirem e a participarem da narrativa “ <i>Jardineiros da Floresta</i> ”
5º	Apresentação e Ideia da Caixa	A caixa literária era composta por diversos elementos e personagens infantis. Quando as crianças tiravam um personagem da caixa, precisavam criar uma história
6º	Construção da caixa	Com materiais escolares, como papelão, folha E.V.A, e papeis coloridos, as crianças decoraram a caixa

Conforme a programação acima referente ao primeiro dia do projeto de intervenção, logo após a chegada das crianças à sala de aula, deu início ao segundo momento, onde todas foram convidadas a se sentarem em roda, relembrares os combinados da turma e partilharem seus cotidianos. Durante o estágio, percebi que o momento inicial da rodinha foi muito importante para criação de vínculos e confiança, pois naquele momento, as crianças se

sentiam confortáveis para falar, expressar seus sentimentos profundos e compartilhar acontecimentos do seu cotidiano. Nesse mesmo momento, foi explicado para os alunos o que aconteceria nos próximos dias, tal como a programação do mesmo dia.

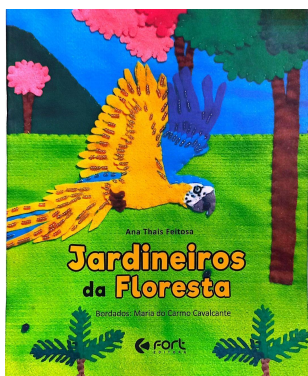
Com o auxílio de caixa de som, o terceiro momento da programação foi dividido em duas etapas, primeiramente, ainda em roda e sentadas no chão, as crianças foram convidadas a cantar cantigas de roda, como: “*Borboletinha*”, “*A dona aranha*”, “*Atirei o pau no gato*” e “*O sapo não lava o pé*”. Na segunda parte, já em pé, foram direcionadas a participar de um momento de musicalização que envolvia a movimentação do corpo, como: “*Rei Davi*”, “*Criança de Jesus*”, “*Estátua*”, e “*Formiguinha*”. Todas essas músicas infantis foram escolhidas com base nos gostos das crianças.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), na seção “*Os campos de experiência*” dedicada as informações acerca da educação infantil, e no parágrafo nomeado por *Corpo, Gestos e movimentos*, as músicas são instrumentos fundamentais para possibilitar a expressão corporal por meio de movimentos livres ou com base em ritmos e sons. Assim:

Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço os objetos do seu entorno, estabelecem relações, **expressam-se**, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. Por meio das diferentes linguagens, como a **música**, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e **se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem** (BNCC, 2017, p. 40-41). [Grifo meu]

Assim, o momento de musicalização no primeiro dia do projeto, foi de importância para que as crianças se sentissem livres para expressarem suas emoções por meio das músicas que foram apresentadas, treinassem a coordenação motora grossa, sem contar que também foi um momento de divertimento, socialização e muitas risadas.

Figura 9: Livro de Literatura Infantil: Jardineiros da Floresta



No quarto momento, ocorreu a apresentação e leitura do livro “*Jardineiros da Floresta*”, de Ana Thais Feitosa. É interessante ressaltar que no primeiro dia do projeto, apenas 8 crianças estavam presentes. Para a apresentação e narrativa da obra literária, foram usadas estratégias para chamar a atenção das crianças quanto aos elementos presentes da capa do livro, ou seja, a apresentação de

autor, ilustrador, características presentes na capa, como personagens, cores etc., e perguntas de antecipação para gerar hipóteses ao contexto da narrativa que foi contada.

Fonte: arquivos Marta Denise (2023)

O conhecimento prévio foi utilizado como estratégia no primeiro momento de apresentação do livro, para que as crianças pudessem expressar o que já sabiam e conheciam a partir da capa. A conexão foi usada quando, ao aparecerem os personagens do livro, as crianças assimilaram e mencionaram já terem visto aquele personagem em outros livros, na televisão e até mesmo na vida real. Já a inferência foi explorada quando, durante a narrativa, onde ocorreu uma cena que não ficou muito explícito, mas foi explicado para as crianças e identificado ao final da história. Por fim, as perguntas ao texto como estratégia foram utilizadas antes, durante e depois da história narrada, o que facilitou a “criação” e desenvolvimento da obra a partir de interação entre narrador e ouvintes. Com isso, algumas estratégias de leituras foram usadas em situações oportunas, levando em consideração o contexto da obra, assim como a entonação de voz e gestos com as mãos.

De acordo com a BNCC, as experiências vivenciadas através dos momentos de ouvir histórias, onde ocorra um momento de fala e escuta, contribuem para participação na cultura oral, a exploração de variadas linguagens e a ampliação e conhecimento de mundo.

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (BNCC, 2017, p. 42).

Como o livro utilizado para a contação de histórias não possuía textos ou uma narrativa própria, apenas estratégias de leitura como: conhecimento prévio, conexão, perguntas ao texto e inferências foram usadas nesse momento. De acordo com (Manguel, 1996 apud Cosson, 2006), a leitura não se restringe em apenas leituras de textos, a vista que é possível ler por meio de outros sentidos e elementos.

Os astrólogos leem as estrelas para prever o futuro dos homens. Os músicos lêem as partituras para executar a sonata. A mãe lê no rosto do bebê a dor ou o prazer. O médico lê a doença na descrição dos sintomas do paciente. O agricultor lê o céu para prevenir-se da chuva. O amante lê nos olhos da amada a traição. (Cosson, 2006, p.38)

Assim, o livro escolhido, foi fundamental para o desenvolvimento do projeto, à vista que, ao fazerem a leitura de imagens do livro, as crianças eram incentivadas a usarem a imaginação e a criatividade para formularem o desenvolvimento e o desfecho da história

apenas com base nas imagens. Com isso, foi, portanto, um exercício que buscou estimular as crianças a criarem as suas próprias narrativas, preparando-as para o segundo dia de projeto. Apesar das imagens do livro permanecerem na mesma ordem e colocação, é possível que a cada vez que a história seja contada, se transforme. Assim diz a autora:

[...] O mundo pode ser visto, os objetos transformados, as pessoas modificadas pela página que está ao lado, que a cada momento pode ser outra, transformando quantas situações se quiser...Juntar a primeira com a décima ou a com a oitava, ou parar a terceira e ir juntando com todas as outras[...] (Abramovich, 1989, p. 29).

Além disso, Abramovich (1989) defende a importância das histórias sem textos para as crianças, a fim de trabalhar e perceber as diferentes perspectivas e possibilidades que podem surgir das narrativas, tanto pelo olhar do autor, produtor da obra e leitor prestigiador.

[...] Criando uma história a partir duma cena colocada, misturando várias, musicalizando alguma relação, sonorizando uma descoberta feita, inventando enfim as possibilidades mil que narrativas apenas visuais [...] pois se vê como os olhos do autor e do olhar/leitor, ambos enxergando o mundo e as personagens de modos diferentes, conforme percebem esse mundo[...] (Abramovich, 1989, p. 33).

No quinto momento, foi apresentado e explicado para as crianças a proposta da construção da caixa literária. A proposta da caixa era, por meio das narrativas, estimular a imaginação das crianças da turma, contribuindo para a criação individual de suas histórias, ou seja, fazer com que cada criança se tornasse autora de suas próprias narrativas. Assim, a caixa literária era composta por imagens de diversos elementos e personagens infantis, como bola, boneca, avião, árvore, casa etc., e os personagens, eram de desenhos animados conhecidos por elas, como Barbie, Batman, Sonic, Moranguinho etc. Assim, quando as crianças tiravam um personagem ou elemento da caixa, precisavam criar uma história com base no que tiraram.

O sexto e último momento, foi caracterizado pela construção coletiva da caixa. Para esse momento, foi disponibilizado como material, uma caixa de papelão, tinta guache, E.V.A, papel crepom, e papel colorido para a decoração. Assim, o momento ocorreu com todas as crianças presentes na sala de aula; elas se sentaram no chão e usaram de sua criatividade na construção da caixa.

Figuras 10 e 11: Decoração da caixa



Fonte: arquivos Marta Denise (2023)

É importante mencionar que, para a decoração da caixa, as crianças tiveram total autonomia, escolhendo os recursos ofertados conforme suas preferências e vontades. Alguns materiais já haviam sido preparados e cortados, que facilitou e evitou o perigo entre elas, e só houve intervenção adulta quando solicitado, fora isso, a participação ocorria somente pela observação.

Figura 12: Finalização do primeiro dia



Fonte: arquivos Marta Denise (2023)

E assim, se deu o primeiro dia do projeto de intervenção nomeado “*Era uma vez: criando minha própria história*” desenvolvido na turma do Pré I do turno matutino. Foi, inicialmente, um momento de aprendizagem, de incentivo ao trabalho coletivo e de estímulo ao desenvolvimento da imaginação e criatividade da criança. A programação do segundo dia

do projeto de intervenção realizado na Creche Menino Jesus aconteceu em sete momentos, como se observa no quadro 4 a seguir.

Quadro 4: segundo dia e contação de histórias

Momento	Atividade	Descrição
1º	Chegada das crianças	As crianças eram acolhidas na sala de aula
2º	Rodinha e Socialização	Com todas as crianças sentadas em roda, no chão, foi relembrado o que aconteceu no primeiro dia do projeto. A proposta da atividade, a ideia da caixa e a programação do dia foram explicadas novamente às crianças.
3º	Apresentação dos personagens e explicação das regras da Caixa	Nesse momento, foram apresentados às crianças todos os elementos que havia dentro da caixa, incluindo as regras da caixa e a apresentação dos personagens de desenhos infantis
4º	Demonstração da História	Nesse momento, foram demonstrados exemplos de como funcionaria a dinâmica da caixa para as crianças
5º	Contação de Histórias Individuais	Cada criança teve a chance de criar sua própria história de acordo com a dinâmica da caixa
6º	Espaço de Socialização	Nesse momento, foi aberto um espaço de socialização entre as crianças para que assim, pudessem expressar-se em relação ao momento da criação das narrativas
7º	Danças, Brincadeiras e Encerramento	Nesse momento todas as crianças foram convidadas para participarem de jogos e brincadeiras, que se sucedeu ao encerramento do projeto

Fonte: arquivos Marta Denise (2023)

De acordo com a programação do segundo dia, as crianças foram acolhidas dentro da sala de aula conforme a rotina da escola. No segundo momento, todas as crianças foram convidadas a fazerem uma roda ao chão e se sentarem. Nesse período, houve um espaço para que elas pudessem expressar-se em relação às suas expectativas sobre o segundo dia do projeto e falarem o que mais gostaram do primeiro dia.

É importante destacar que, no segundo e último dia, 16 alunos estiveram presentes, o que representou uma quantidade considerável em comparação com a presença das crianças no primeiro dia. Assim, foi necessário fazer uma breve explicação sobre o que aconteceu no dia anterior, dialogando com a ideia e a proposta do projeto, destacando a dinâmica da caixa e descrevendo a programação do dia.

Depois da explicação e diálogo entre as crianças, o terceiro momento foi caracterizado pela apresentação dos personagens da caixa e explicação das regras. Assim, a

dinâmica da caixa consiste em cada criança pegar três elementos de dentro dela e, a partir disso, criar sua própria história.

Antes que se iniciasse as narrativas, foram apresentadas um a um, os personagens e elementos que estavam presentes, e dito as regras. Esse momento foi fundamental para que as crianças se familiarizassem e reconhecessem as figuras que estavam dentro da caixa. Nela, havia diversos personagens infantis e figuras do cotidiano, todos bastante familiares para facilitar na construção das narrativas.

Já familiarizados com os elementos, personagens e regras, o quarto e o quinto momentos das atividades se deram pela demonstração e início das narrativas. Para introduzir a proposta do projeto, fiz uma demonstração prática de como funcionaria a dinâmica da caixa de histórias, onde todas as narrativas deveriam iniciar com um *“Era uma vez...”*, retirando um personagem ou elemento e dando início a sua história. Assim, cada criança teve a oportunidade de criar sua própria história a partir dos elementos retirados da caixa. É importante destacar que o respeito ao tempo e ao espaço de cada criança foi mantido. Logo, houve casos em que algumas preferiram apenas observar, sem participar ativamente, e essa decisão foi plenamente respeitada.

Depois das narrativas criadas por alguns alunos, se deu início ao sexto momento, onde ocorreu um espaço de socialização e expressão do evento que ocorreu. Nesse momento, as crianças tiveram total liberdade para falarem a parte que mais gostaram, desde a decoração da caixa e a criação das histórias. Assim, um momento simples, mas pensado com carinho e precisão, tornou-se uma experiência rica em afetividade e aprendizado. As crianças riram, se divertiram e aguardavam com entusiasmo a sua vez de manusear a caixa e compartilhar sua história. A partir disso, posso mencionar que, sem dúvida, foi um momento gratificante e enriquecedor para todos

A BNCC (2017) destaca em seu documento referente ao direito da aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil, um espaço onde é entendido que as brincadeiras como ferramentas pedagógicas auxiliam no desenvolvimento social e cognitivo da criança, promovendo em umas das possibilidades, o desenvolvimento da imaginação e a criatividade.

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. (BNCC, 2017, p. 38) [grifo meu]

Reconhecendo a importância das brincadeiras na Educação Infantil, o sétimo e último momento do último dia do projeto caracterizou-se como um espaço de diversão,

danças e brincadeiras. Após as narrativas, os alunos foram convidados a participarem de algumas dinâmicas que envolviam movimentos sensoriais, raciocínio lógico e agilidade. Dessa forma, as brincadeiras desenvolvidas foram, “*Cabra-cega*”, “*Danças das cadeiras*” e “*Morto-vivo*”, o que promoveu não somente os estímulos à aprendizagem, conhecimentos sensoriais e cognitivos, mas também a diversão e o fortalecimento dos laços afetivos entre as crianças. Após esse momento, houve o lanche oferecido pela escola e a organização para a saída das crianças com seus pais e responsáveis.

Figura 13: Finalização do projeto e do estágio



Fonte: arquivos Marta Denise (2023)

Assim, foi finalizado o projeto de intervenção e o estágio obrigatório na Educação Infantil, realizados na Creche Menino Jesus, na turma do Pré I, que contava com aproximadamente 22 alunos matriculados, com idades entre 4 e 5 anos. Durante todo o período de estágio na instituição, devido às datas comemorativas do calendário escolar, foi possível acompanhar diversos projetos voltados ao incentivo da literatura infantil, os quais foram desenvolvidos com empenho e dedicação. Foi possível observar que foram trabalhados livros sobre o aniversário da cidade de Codó, abordando sua história, cultura, culinária, lendas etc., além da temática da Páscoa, com ênfase em seu significado e história, o período de festa junina e um projeto literário, nomeado “*Maleta Viajante*”, organizada pela instituição. Todos esses eventos e suas respectivas atividades não foram adicionados à rotina escolar, pois não ocorriam diariamente, mas eram trabalhados eventualmente.

Outro fator de grande relevância a ser mencionado, é como o estágio contribuiu precisamente para uma melhor compreensão da teoria adquirida na academia e da prática posta com base na realidade e nas experiências adquiridas ao longo do curso e dos estágios. Além de também facilitar para a futura identificação profissional a ser seguida.

Considerando que um dos objetivos da pesquisa consistiu em analisar como se deu a prática da contação de histórias na instituição investigada, com ênfase em compreender de que forma essa prática contribuiu para o desenvolvimento social e cognitivo das crianças da pré-escola, foi possível perceber que, desde o início do ano letivo, que se deu também com o início do estágio, as crianças demonstraram avanços significativos por meio das práticas de contação de histórias. Essas práticas favoreceram o desenvolvimento social, com ênfase na comunicação, a expressão individual de sentimentos e emoções, além de avanços cognitivos, como o desenvolvimento à criatividade, à imaginação e à ampliação do vocabulário infantil.

Assim, a contação de histórias na educação infantil, especialmente na Creche Menino Jesus, durante o período de estágio, contribuiu de forma significativa para o incentivo das crianças no mundo literário, promovendo, assim, a formação de futuros leitores.

6.2 A Contação de Histórias na perspectiva dos docentes

Além da experiência do estágio ocorrido no primeiro semestre de 2023, foi necessário o retorno na instituição pesquisada no segundo semestre de 2024 para compreender a perspectiva das docentes acerca da proposta da pesquisa. No primeiro contato com a instituição, que se deu no período do estágio, foi observado a ausência de auxiliares de turma, já no retorno mais recente, foi identificado que todas as salas possuíam uma professora auxiliar para acompanhar a docente regente. Então, as participantes da pesquisa foram as quatro professoras regentes, correspondendo às quatro salas de aula e etapas de ensino da própria instituição, selecionadas conforme a necessidade de entender as diferentes perspectivas docentes acerca do objetivo da pesquisa. Além disso, para preservar a identidade, as professoras entrevistadas foram nomeadas com as quatro primeiras letras do alfabeto: A, B, C e D.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas individuais, composta por treze perguntas, uma fechada e doze abertas. Para melhorar a segurança e confiança das professoras, a fim que respondessem às perguntas de forma livre e espontânea, as entrevistas foram realizadas em uma sala de aula vazia, após o término das aulas de cada professora

entrevistada, onde conteve somente a entrevistadora e a entrevistada, que respondeu de forma oral de acordo com suas vivências e experiências docentes, acerca da temática investigada. A seguir, observa-se o quadro referente ao perfil de cada participante como também informações básicas profissionais e sobre a composição da sala de aula.

Quadro 5: Perfil dos participantes

	Professora A	Professora B	Professora C	Professora D
Formação profissional	Biologia	Pedagogia	Letras	Pedagogia
Pós-graduação	Psicopedagogia	Gestão e supervisão	Não possui	Psicopedagogia
Tempo de atuação na escola	4 anos	9 anos	2 anos	3 anos
Tempo de atuação profissional	26 anos	9 anos	2 anos	6 anos
Turma que leciona	Maternal I	Maternal II	Pré I	Pré II
Quantos alunos tem na sala	12 alunos	17 alunos	21 alunos	20 alunos

Conforme observado no quadro com o perfil das participantes entrevistadas, uma das primeiras observações é que, todas as profissionais são do sexo feminino, outra observação que deve ser apresentada é em relação a área profissional das participantes. Das quatro docentes, duas possuem graduação em pedagogia: a Professora B, que também é pós-graduada em Gestão e Supervisão, e a Professora D, que tem pós-graduação em Psicopedagogia. A Professora A, possui formação em Biologia e também é pós-graduada em Psicopedagogia, já a Professora C é somente graduada em Letras e não possui nenhuma outra formação.

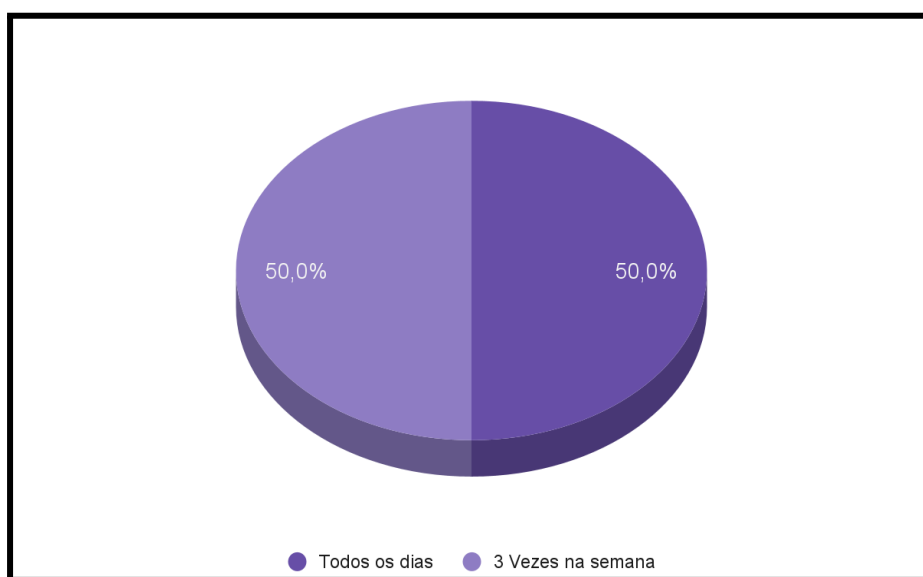
É interessante salientar que de acordo com a Lei nº 13.415, de 2017, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), é exigido a formação de um curso superior em licenciatura para atuação na Educação Básica, inclusive na educação infantil. Assim, apesar de apenas duas das quatro docentes possuírem especificamente graduação em pedagogia, e três delas concluíram uma pós-graduação na área da educação, todas as docentes entrevistadas possuem educação superior, o que é necessário e pedido conforme a lei:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal (BRASIL, 2023, p.46)

Outra análise importante é em relação ao tempo de formação de cada professora entrevistada e a quantidade de alunos matriculados em cada turma, pois conforme observado, a Professora A possui 26 anos de experiência profissional, sendo 4 anos como professora regente na instituição, e atua em uma turma composta por 12 alunos. A Professora B possui 9 anos de experiência profissional e experiência na mesma escola e uma sala com um total de 17 crianças. A Professora C possui apenas 2 anos de profissionalização no meio educacional, também na mesma escola, e é responsável por uma turma de 21 alunos. Já a professora D possui 6 anos com a experiência docente, sendo 3 anos como professora titular na instituição, 6 anos de experiência profissional geral e uma turma composta por 20 alunos. Com isso, é possível compreender que todas as professoras entrevistadas possuem uma considerável experiência no âmbito escolar.

Na primeira parte da entrevista, as docentes foram questionadas em relação à utilização do uso do livro didático, livro paradidático e livro de literatura infantil durante as aulas, para justamente ser analisado como se deu a prática da contação de história na instituição. Assim, segue o gráfico abaixo correspondente a porcentagem concluída de acordo com as respostas das participantes.

Gráfico 1: Livro Didático



Fonte: Marta Denise (2025)

Conforme o gráfico 1, referente a frequência do livro didático utilizado em sala de aula, foi possível observar a aplicabilidade desse instrumento na rotina escolar da instituição. De acordo com os dados coletados, 50% das respostas equivalem ao uso diário do livro didático na sala de aula, e os outros 50%, corresponderam ao manuseio em apenas três vezes por semana, ou seja, duas das quatro professoras responderam o uso diário do livro didático, e duas o uso em apenas três dias da semana.

Durante o estágio, foi observado que verdadeiramente o livro didático é usado rotineiramente na instituição, essas práticas foram percebidas principalmente nas turmas do Pré- I e Pré-II, a causa pode estar relacionada com a grade curricular e com o cronograma de atividades escolar estabelecida. Logo, mesmo no período de regência no estágio, foi notada resistência em modificar o plano de aula dos alunos, que sempre seguiu sob orientações de não retirar o livro didático do plano.

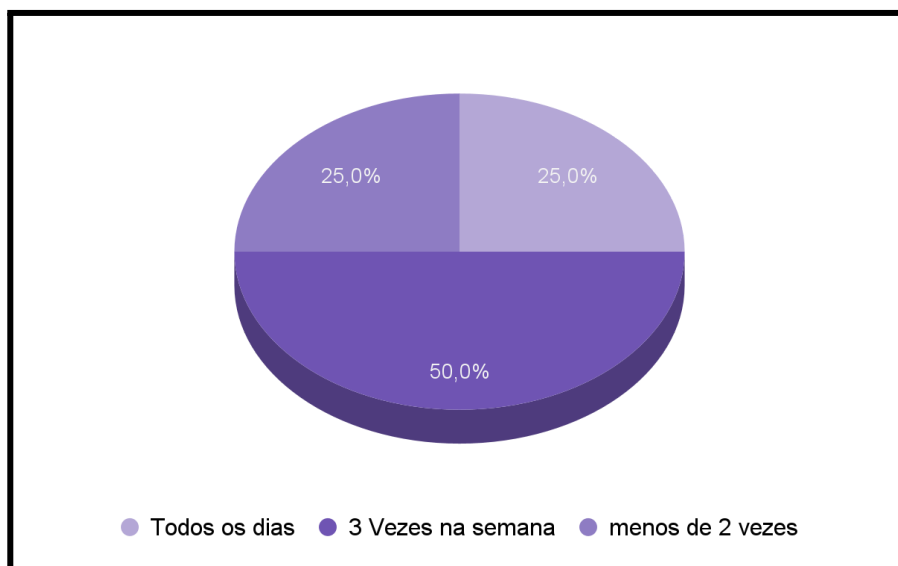
É importante salientar que o ensino de educação que está sendo discutido é o infantil. Não negamos o uso do livro didático nas salas para servirem de apoio para os professores, porém criticamos o excesso e invisibilidade de outros recursos pedagógicos que também podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o livro didático assume papel fundamental para a educação brasileira, entretanto, seu uso deve ser observado a ponto de não ficar estritamente ligado somente a ele como único instrumento para obtenção de conhecimento, assim:

O livro didático é um material de forte influência na prática de ensino brasileira. É preciso que os professores estejam atentos à qualidade, à coerência e a eventuais restrições que apresentem em relação aos objetivos educacionais propostos. Além disso, é importante considerar que o livro didático não deve ser o único material a ser utilizado, pois a variedade de fontes de informação é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento. (BRASIL, 1997, p. 67).

Os livros paradidáticos também foram grandes instrumentos inseridos na rotina de leitura escolar da instituição que foram observados. Essas práticas se davam até mesmo nas rotinas correspondente aos dias de segunda, quarta e sextas-feiras da semana, onde também eram vistos tanto o uso do livro paradidático e o de literatura nos momentos da contação de histórias. Ainda assim, é interessante mencionar mesmo que de forma breve que uma das diferenças entre o livro didático e o paradidático é que, enquanto o livro paradidático serve como apoio para facilitar a temática inserida contando também com algumas pequenas histórias para cumprir com os objetivos da temática usadas de forma lúdica, o livro didático é

objetivo quando se trata de seguir uma sequência lógica de aprendizagem. A seguir, o gráfico cuja relação se deu a presença do livro paradidático na Creche Menino Jesus.

Gráfico 2: Livro Paradidático



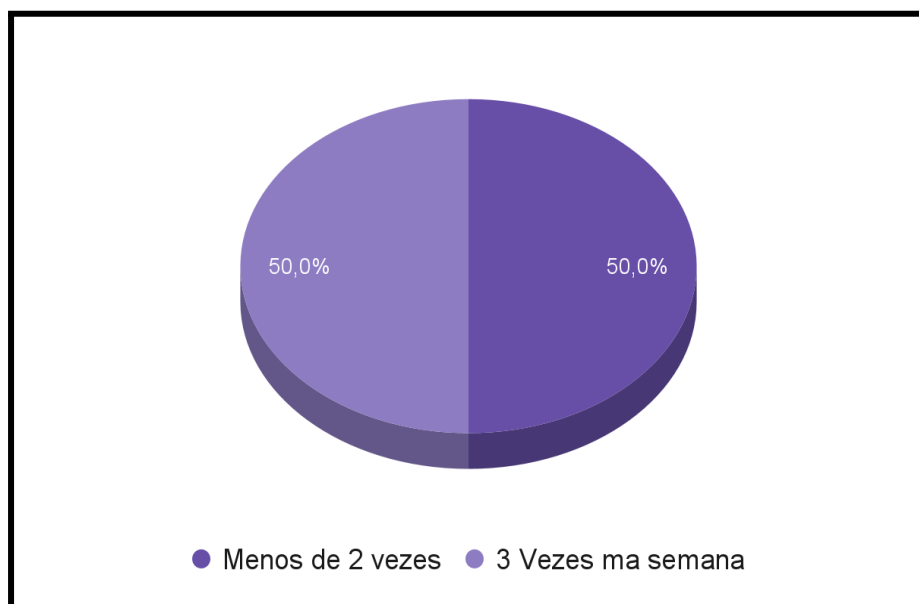
Fonte: Marta Denise Mesquita Cariman

Conforme o gráfico 3, referente a frequência do uso do livro paradidático na instituição, 50% do gráfico corresponde o manuseio do livro em apenas dois dias da semana, 25% do gráfico diz respeito à inclusão do instrumento todos os dias da semana, e os outros 25% equivalem ao uso do livro paradidático três vezes por semana.

Segundo Laguna (2001), o livro paradidático também assume papel importante para a introdução da criança no mundo da leitura, pois além de instigar na criança o gosto pela leitura, ele também pode ser um grande aliado ao professor, que podendo enriquecer ainda mais os conteúdos das aulas com um toque mais leve e ágil de introduzir as narrativas.

Os livros paradidáticos atendem à Literatura e a todas as outras disciplinas, procurando ajudar professores e enriquecer a vida do aluno. Com visual e temas adequados, esses livros procuram despertar o hábito da leitura e levantar questionamentos que antes ficavam à margem da vida escolar, objetivando complementar informações de maneira leve e ágil (Laguna, 2001, p.48)

Por fim, se deu também importante analisar a constância em que os livros de literatura infantil foram utilizados na escola pesquisada, sendo um dos pontos principais para essa dissertação.

Gráfico 3: Livro de Literatura

Fonte: Marta Denise (2025)

De acordo com o gráfico 4, correspondendo a relação do manuseio do livro de literatura infantil, 50% das participantes responderam que usam o livro mencionado menos de duas vezes por semana, já os outros 50% dizem respeito à sua utilização em sala de aula três vezes por semana. É importante relembrar que a escola possui uma tradição de contar história com todos os alunos da turma, por isso, os dados coletados acerca da frequência do uso do livro de literatura não incluem essas práticas, mas sim a mediação do professor e alunos dentro da sala de aula.

Durante o estágio no ano de 2023, foi notado que a instituição possui uma tradição muito concreta em relação a essa temática, pois conforme discutido ao longo desta monografia, os momentos de contação de histórias acontecem tanto em conjunto, quando reúnem todas as crianças no pátio da escola três vezes na semana com a promoção de músicas, canções livres e contações de histórias, tanto nas turmas dirigidos pelas professoras de cada sala. Assim, observou-se que esses momentos foram fundamentais para o desenvolvimento infantil, e que o professor teve grande importância para mediação desses momentos, pois:

As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. (Brasil, 2018, p.38).

Com isso, foi observado com base nas informações composta no quadro 5 que visa o perfil dos participantes e no gráfico 3, que correspondente ao uso do livro de literatura infantil, que a contação de histórias se mostrou mais presente nas duas primeiras turmas, ou seja, Maternal I e Maternal II

Depois da primeira etapa da entrevista que se caracterizou pelas perguntas fechadas apenas para a certificação da frequência dos livros didático, paradidático e literatura, e seu uso em sala de aula, a segunda parte retratou o momento de diálogo entre participantes e pesquisadora com base nas questões abordadas. Assim, cada professora entrevistada, conforme a sequência já mencionada no quadro dos participantes, respondeu oralmente de acordo com suas perspectivas e com base na realidade da sua turma as questões da entrevista. A seguir, observa-se o quadro com a pergunta e resposta das professoras.

Quadro 6: Integração da Leitura

Pergunta	Quais são as principais atividades que envolvem a leitura na sua rotina escolar
Professora A	A leitura que fazemos é mais na contação de história, mas também tem no momento da rodinha e quando vamos fazer a leitura de alguma atividade
Professora B	São em momentos que acontecem a leitura, tipo na contação de história e roda de conversa
Professora C	A contação de história, e também uso o alfabeto móvel na contação de história para as crianças fazerem o reconhecimento das letras, e nossa roda de conversa
Professora D	Roda de conversa e momentos da contação de história

Fonte: Marta Denise (2025)

Conforme as respostas das professoras, é possível observar uma unanimidade entre elas, já que todas incluem a roda de conversa e os momentos de contação de histórias como atividades principais que envolvem a leitura na sala de aula. Além disso, a Professora C menciona que durante as contações de histórias, é comum o uso do alfabeto móvel, que segue com o objetivo de que as crianças reconheçam as letras conforme o contexto do livro, seja a letra inicial de um personagem, o nome de algum objetivo ou cor. Já a professora A, cita que

além das atividades de leitura envolverem os momentos de contação de histórias e a roda de conversa, a leitura de textos mediada por ela nas atividades que são realizadas em sala também pode ser incluída nesse contexto.

Com base no estágio concluído no ano de 2023, foi possível perceber que além dessas atividades já mencionadas pelas professoras como forma de envolver a leitura, foi possível perceber que as crianças trilhavam por caminhos além das letras ou contações de histórias, pois segundo Cosson (2006), a leitura não se restringe a palavras, mas possui variadas formas de se manifestar, seja na leitura de imagens, leitura de sinais ou leitura de expressões corporais para entender se a pessoa está bem ou não e etc,. Assim, foi observado que em algumas ocasiões, as crianças faziam leituras através de imagens, seja elas no livro de literatura, atividades impressas quando tinham ilustrações ou até mesmo nas atividades do livro didático, elas observavam e criavam suas próprias fantasias de acordo com as ilustrações. Então, nesse quesito das atividades que impulsionam a leitura, na Creche Menino Jesus, foi possível perceber com base nas respostas das professoras que, o maior número de menções se deu pela tradicional roda de conversa e os momentos na hora de contar histórias.

O quadro a seguir, faz relação com a perspectiva das participantes mencionando suas contribuições e relevância acerca da importância da inclusão das obras de literatura em sala de aula, mais especificamente os momentos que ocorrem as contações de história.

Quadro 7: Importância das histórias no ensino-aprendizado

Pergunta	Na sua opinião, qual a importância de trabalhar com a contação de história para o processo de ensino aprendizagem do aluno?
Professora A	Dá um grande aprendizado para as crianças, elas associam a história com a vida cotidiana delas e é importante para eles se envolverem com o mundo da leitura
Professora B	É importante para desenvolver a imaginação delas
Professora C	A leitura é a base na Educação Infantil, e é importante demais nessas primeiras fases, e tendo contato com as histórias, as crianças vão conhecendo um mundo novo, ampliando seu intelectual e elas vão aprendendo através da imaginação, porque por mais que ainda não saibam ler, vão imaginando todo um cenário na cabeça delas e isso vai aos poucos despertando curiosidade, e isso é bom para um bom leitor
Professora D	Com a contação de histórias eu vejo que tem grande importância para incentivar a leitura e que elas gostem e queiram ler. Às vezes na casa delas não tem ninguém que possa contar, isso acontece muito, aí nós professores ficamos responsáveis para dar esse incentivo

Fonte: Marta Denise (2025)

Com base nas informações coletadas no quadro 3, referente a perspectiva docente sobre a relevância do livro de literatura na sala de aula, foi possível observar que as participantes A e B, dialogam com o mesmo argumento ao mencionarem que a contação de história é importante para o desenvolvimento do imaginário. Ao ouvir histórias, as crianças são estimuladas a assimilar o mundo real e o imaginário, e com isso, podem encontrar soluções para os problemas que surgem no dia a dia, de acordo com as narrativas e vida dos personagens ouvidos. Assim, destaca a autora:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (Rodrigues, 2005, p. 4).

A resposta da Professora C também compartilha com a ideia das professoras A e B, que com a contação de histórias há uma grande parcela de contribuição significativa para ampliação da imaginação, entretanto, é possível perceber que suas perspectivas discutem também a contação de história como instrumento para a formação de leitores. Além disso, é destacado na resposta da Professora A, que a leitura é importante para o ensino e aprendizagem do aluno porque é a base da educação infantil, e é por meio dela que as crianças vão ganhando conhecimento do mundo em que vivem e vão ampliando seu intelectual. Por meio da imaginação e do contato com as histórias, as crianças vão se familiarizando com esse instrumento e com isso, podem despertá-las o gosto pela leitura.

De acordo com Miguez (2000, p. 28) “Na maioria dos casos, a Escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro, e sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer.” Com base, nas experiências vivenciadas no estágio na educação infantil, foi possível perceber que, predominantemente, a instituição acolhe crianças de famílias de baixa renda, o que segundo a Professora D afeta diretamente no contato e gosto pela leitura. Em suas palavras, a docente menciona que em muitos dos casos, a escola é o único lugar que o aluno terá contato direto com a literatura, pois a criança pode ter pais ausentes ou com dificuldades com a leitura, com isso, o professor se torna um grande apoio ao impulsionar e promover de forma eficiente a leitura em sala de aula.

Uma outra questão a ser discutida e que se fez presente na entrevista, foi para compreender como geralmente ocorre os momentos de contação de histórias na sala de aula

mediada pelas professoras. Buscamos observar se na rotina da escola, existe um momento e lugar específico para acontecer as histórias e como acontecem.

Quadro 8: Momentos de Leitura em sala

Pergunta	Como geralmente ocorre os momentos que utiliza a contação de histórias na sua sala de aula?
Professora A	Para tudo tem o momento, temos nosso cantinho, sentamos no tapete e é feito uma roda de conversa, fazemos também fantoches e dou a eles esses recursos para participarem
Professora B	Faço a rodinha no chão ou nas cadeiras, depois conversamos sobre o livro
Professora C	Gosto de cantar músicas antes das histórias para chamar atenção deles e já irem se preparando para ouvir, também uso algo lúdico para ilustrar e vamos para um cantinho da sala
Professora D	Temos o nosso cantinho da leitura e na hora da história vamos pra lá, ficamos sentados ao chão e conversamos também

Fonte: Marta Denise (2025)

Com base no quadro 4 que discorre os espaços explorados que se dão nos momentos da contação de histórias na Creche Menino Jesus, há novamente uma unanimidade nas respostas entre as docentes entrevistadas. Embora as respostas das quatro participantes seguem a mesma direção, a Professora B, menciona apenas que geralmente nesses momentos, as crianças se sentam em rodas no chão da sala ou nas cadeiras escolares, e que depois das histórias, dialogam sobre o livro. Já as Professoras A, C e D apresentam que para os momentos de contação de histórias, existem uma preparação e um canto específico da sala para instigar esse cenário.

É apresentado pela Professora A, que além do costume de contar histórias em um cantinho específico da sala e sentados ao chão, ela também prepara o ambiente e os recursos necessários de acordo com a história narrada. Assim, é mencionado o uso de fantoches para a integração das crianças durante o momento das narrativas, que segundo ela, estimula a atenção e promove a participação das crianças permitindo que elas tenham contato com os personagens em forma de fantoches. Porém, conforme observado no estágio e já aqui descrito, as salas da instituição são pequenas comparada a quantidade de alunos que nela

contém, o que torna apertados os cantos da sala de aula destinados às histórias, mencionados pelas professoras.

Foi apresentado também pela Professora C, o uso de cantigas para iniciar o momento das histórias, o que segundo ela, facilita e ajuda a manter a atenção dos alunos e já irem se preparando para esse momento. Outro fato que foi mencionado, foi a utilização de recursos lúdicos para ilustração das histórias, que ocorriam por meio de imagens ou fantoches.

Sabendo a importância da ludicidade no quesito infantil, Marinho (2012, p.89), apresenta que “A presença da ludicidade no processo de ensino-aprendizagem é de fundamental importância, principalmente quando se trata de criança. Podemos dizer que ela envolve o universo da brincadeira, do jogo, do brinquedo e da própria atividade lúdica.”. Assim, foi percebido na instituição, a presença do lúdico até mesmo nas próprias contações de histórias, que se manifestavam por meio de canções que dialogavam com as narrativas e até mesmo produção de recursos pedagógicos para ilustrações.

Até aqui, foi concluído que os momentos de contação de histórias seguem o mesmo padrão de execução dentro da sala de aula e por todas as professoras, todavia, para que também se cumpra com um dos objetivos da pesquisa, foi proposto as participantes que a discussão sobre as estratégias de leitura que mais são usadas por elas são nesses momentos.

Quadro 9: Estratégias de leitura na contação de histórias

Pergunta	Quais estratégias de leitura são utilizadas na contação de histórias para despertar o interesse das crianças e mantê-las envolvidas durante a atividade?
Professora A	Recursos didáticos, tipo fantoches, imagens, o próprio livro que também tem imagens e músicas. E elas amam muito quando chego com alguma história nova
Professora B	Chamo para a rodinha, faço uso de fantoches, imagens coloridas, chamo atenção para os detalhes dos livros e produzimos cartazes na sala para eles também irem participando
Professora C	Usamos palitoques, fantoches e chamamos atenção para os detalhes da capa do livro, sempre mostrando quem são os autores, ilustradores e perguntas sobre o livro
Professora D	As crianças da minha sala gostam de participar, aí eu deixo elas escolherem o livro, às vezes elas querem fazer a leitura do livro de acordo com as imagens. Elas gostam também que nesse momento elas sejam sorteadas, aí a criança sorteada faz participação na história lendo por meio das imagens, inventam e criam expectativas sobre a história e se surpreendem juntamente com a turma com o final da história

Fonte: Marta Denise (2025)

De acordo com as informações do quadro 5 em relação com quais estratégias de leitura são incorporadas dentro da contação de história, foi possível perceber que, todas as professoras as utilizam, mesmo que de forma imperceptível. As professoras A e B, mencionam unanimemente que durante a contação de histórias, são feito o uso de fantoches como uma forma lúdica e criativa de manter a atenção das crianças, e além desse recurso pedagógico, fazem também uso de imagens impressas dos personagens do livro, que estimula a estratégia da visualização ao ver imagens e imaginar todo um cenário por meio delas, músicas para complementar esse momento e o uso do próprio livro como estratégia. É citado também pela Professora B que, após as narrativas, geralmente são produzidos cartazes a respeito das histórias, o que pode ajudar na compreensão e fomenta a participação ativa de todas as crianças nas produções pós-histórias narradas.

Com base nas respostas das professoras C e D, foi possível observar o uso comum das estratégias de leitura, especialmente a estimulação do conhecimento prévio e perguntas ao texto. Quando as professoras relataram que chamavam a atenção para os detalhes da capa do livro, estavam instigando as crianças a buscarem seus prévios conhecimentos em relação ao autor do livro que será lida, e com eles, formularem hipóteses e teorias com base nas ilustrações presentes na capa do livro e de seus conhecimentos anteriores.

Durante o estágio, especificamente quando tinham os momentos de contação de histórias e socialização em conjunto com todas as turmas da instituição, foi percebido que no momento das narrativas, a professora narradora contribuía para a participação das crianças. Fazendo uso da estratégia de perguntas ao texto, conhecimento prévios, da sumarização, e de inferências, ela estimulava a participação dos alunos e contribuía para o incentivo à imaginação ao longo das histórias. Como resultado, os alunos demonstravam seu envolvimento com risos e entusiasmo a cada história contada.

É interessante observar também que a Professora D destacou que, para os momentos de contação de histórias, abria espaço para que as crianças escolhessem a obra que seria lida, o que se mostrava eficiente para estimular a autonomia infantil. Outro fator relatado, diz respeito à leitura feita pelas crianças por meio das imagens ilustrativas nos livros, o que reforça ainda mais o pensamento de Cosson (2006), quando o autor destaca em meio aos seus estudos que existe uma infinidade de maneiras de fazer uma leitura, sendo essa uma delas, conforme relatado pela professora D.

Notamos que ainda se fez necessário compreender a percepção das participantes em relação a qual visão adquirida por elas sobre o valor das histórias na educação infantil e o principal objetivo quando se trabalha com elas em sala de aula.

Quadro 10: Perspectiva docente acerca da contação de histórias

Pergunta	Quando trabalha uma história em sala de aula, qual o seu principal objetivo?
Professora A	Que as crianças demonstrem felicidade de ouvir e futuramente poder contar histórias
Professora B	Passar uma mensagem, prender a atenção deles, desenvolver conhecimentos e abrir portas para a leitura
Professora C	Que elas consigam entender, compreender o contexto da história e assimilar com o dia a dia delas para fazer que sirva de aprendizagem com alguma situação que já passaram ou ainda vão enfrentar, além de tentar fazer que eles gostem de ler
Professora D	Creio que nosso principal objetivo como professores deve ser contribuir para a formação de pequenos leitores e que essas crianças consigam desenvolver pensamento crítico e saibam se posicionar

Fonte: Marta Denise (2025)

Cabe ainda destacar o quanto a contação de histórias tem sido demonstrada ser uma prática pedagógica muito importante na educação infantil, por isso, foi buscado compreender quais as perspectivas das participantes da entrevista a vista da relevância de incluir as histórias nas aulas e qual o objetivo que se dá ao contar histórias para uma criança.

De acordo com as respostas da Professora A, seu principal objetivo em contar história é para que, seus alunos consigam demonstrar felicidade ao contemplá-las e que futuramente sintam-se também à vontade para poder narrar histórias. Já as professoras B, C e D, argumentaram que o ponto principal a ser atingido com a contação de histórias, é que seus alunos aprendam por meio de um cenário imaginário e assimilem com situações reais, como lidar com ocasiões de suas vidas que já passaram ou ainda vão passar. Em contexto com às histórias Abramovich (1989) cita:

Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão de mundo [...] É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que vivemos e atravessamos. (Abramovich, 1989, p. 16-17)

Além disso, também é mencionado que por meio das histórias, é possível que a criança consiga ampliar ainda mais seu conhecimento crítico, se descubra e tenha uma melhor compreensão do mundo em que vive, pois contar ou ouvir histórias vai muito além do que um simples ato de distração ou por norma escolar. É por meio delas que a criança pode viajar em um universo mágico de cenários e contextos diferentes ampliando sua visão de mundo. Como afirma Abramovich (2009, p. 143) “Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico”, sendo, portanto, por meio das narrativas exploradas desde da infância que se fomenta a formação de futuros leitores.

Além disso, foi percebido que uma das interações que contou com a efetiva participação das crianças ocorreu no último dia do projeto de intervenção do período de regência do estágio, quando elas tiveram a oportunidade de criar suas próprias narrativas e dar asas à imaginação.

Os momentos que antecedem as práticas de contar histórias, a rodinha de socialização, significava sempre uma oportunidade para compartilhar das mais diversas informações cotidianas, a refeição do café da manhã, um segredo de família, o sonho que teve na noite anterior e até mesmo um segredo particular. De suma, esses momentos favoreceram significativamente ainda mais para o fortalecimento dos laços afetivos entre as crianças.

Com isso, as entrevistas significaram um encontro e uma troca de experiências e saberes com as professoras, dando-lhes voz e a oportunidade de reconhecer suas próprias perspectivas e conhecimentos no campo educacional em que atuam.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de contar histórias surgiu desde os primórdios da humanidade com as grandes civilizações como uma forma de comunicação entre eles por desenhos nas paredes. Com o passar do tempo, essa prática evoluiu, tornando-se hoje em dia um meio de comunicação tão comum no nosso dia a dia que, às vezes, passa despercebida. Podemos observá-la em grandes apresentações teatrais, com os famosos contadores profissionais, em músicas, encenações, no cenário educacional ou até mesmo em uma simples conversa entre mãe e filho na hora de colocar a criança para ninar. Com isso, a contação de história tornou-se uma poderosa prática pedagógica utilizada nas instituições que, com ela, beneficia e auxilia no desenvolvimento social e cognitivo das crianças. Por meio delas, as crianças são incentivadas a ampliar o vocabulário, o imaginário, a criatividade, o pensamento crítico, e além de também possibilitar o gosto pela leitura e a formação de pequenos leitores.

Nesse sentido, foi defendido a prática de contar histórias como instrumento fundamental de apoio para o professor. Logo, não deve ser vista e inserida como uma mera atividade de distração para as crianças ou executada de qualquer forma e sem intencionalidade. Portanto, a investigação foi direcionada por dois princípios norteadores: o estágio obrigatório juntamente com o projeto de finalização e a pesquisa de campo realizada na mesma instituição do estágio.

Durante o estágio, surgiu uma necessidade de compreender e contribuir com as práticas pedagógicas já inseridas na instituição. Ao final da etapa de investigação, foi desenvolvido e aplicado na turma do Pré-I , o projeto de minha autoria intitulado como “*Era uma vez: criando minha própria história*” com o objetivo de compreender como a contação de histórias potencializa o desenvolvimento social e cognitivo da criança no processo de aprendizagem infantil incentivando o gosto pela leitura. Nesse mesmo contexto, foi percebido ao final do período e durante a culminância do projeto, que as narrativas contribuíram significativamente para o avanço da fala infantil, para a socialização e afetividade entre os colegas de turma e professores. Além disso, potencializaram a imaginação e autonomia das crianças e expandiu também o pensamento crítico.

A pesquisa de campo, realizada com as quatro professoras titulares da instituição, se deu como uma forma de investigação aprofundada a fim de comprovar, com base nas perspectivas docentes, a teoria estudada dos autores e as anotações registradas e compreendidas no caderno de campo descrito durante o estágio, sobre diversas

potencialidades que a contação de histórias na educação infantil carrega consigo. Com isso, com base nas respostas obtidas através das entrevistas com as participantes, foi possível compreender não somente a presença e a frequência com que as narrativas são introduzidas nas aulas, mas também a importância que elas são dadas pela instituição, o contato e a forma como são utilizadas por meio de estratégias pedagógicas, e o vínculo que as próprias participantes mantêm com o mundo literário. Observou-se, ainda, que a contação de histórias se mostrou mais presente nas duas primeiras turmas, ou seja, Maternal I e Maternal II

Apesar dos gráficos 1 e 3 mostrarem neutralidade em relação ao uso do livro didático e de literatura infantil, ou seja, em ambos os gráficos houve uso de 50% para cada, observou-se que o livro didático é mais manuseado, a partir de dados que mostrarem as opções de uso “todos os dias” e “três vezes na semana”, enquanto no caso da literatura infantil, observam-se as opções “três vezes na semana” e “menos de duas vezes na semana”. Todavia, ainda se torna benevolente a inclusão das narrativas na instituição, levando em consideração a tradicional reunião de todas as turmas no pátio da escola três vezes por semana.

No quesito ao uso das estratégias de leitura no momento da contação de histórias, observou-se com base nas respostas das participantes, a integração de todas as estratégias de leitura. No entanto, as mais citadas foram: perguntas ao texto, sumarização, visualização e conhecimento prévio. Essas estratégias estiveram presentes tanto no momento de socialização com todos os alunos das turmas da instituição reunidas, quanto na sala de aula do Pré-I, onde ocorreu a observação do estágio, sendo também demonstradas nas respostas das docentes. Em suma, foi observado como a prática de narrar histórias esteve presente na Creche Menino Jesus, sendo uma atividade pedagógica fundamental para o desenvolvimento social e cognitivo da criança, cujo foi o foco inicial da pesquisa.

Por fim, esta pesquisa buscou compreender como a leitura, tendo como prática a contação de história, estava sendo incentivada na Creche Menino Jesus da rede pública de educação no município de Codó, Maranhão a partir das observações e do projeto de finalização do estágio obrigatório e das respostas das quatro professoras titulares da instituição. Desse modo, após as análises e discussões dos resultados da pesquisa, foi possível concluir que a contação de histórias como práticas pedagógicas, está inserida na instituição pesquisada, mas observou-se uma maior presença do uso do livro didático.

Com esta pesquisa, buscou-se também valorizar o ato pedagógico de contar histórias desde a educação infantil como uma ferramenta de grande valor para o desenvolvimento

infantil, reconhecendo que essa prática não deve ser vista apenas como um mero entretenimento ou passatempo dentro das escolas, mas sim como uma ferramenta poderosa que beneficia ao desenvolver o gosto pela leitura, refletindo para a formação de futuros leitores.

Ao reconhecer o valor e a necessidade da contação de histórias para as crianças, ainda que essa temática já fosse bastante discutida, esta pesquisa pode influenciar ainda mais a perspectiva docente sobre os métodos e práticas usados durante as narrativas. Além disso, pode promover maior autonomia para que os professores possam utilizar diversos tipos de materiais e recursos pedagógicos, tornando mais marcante e divertido esse momento de muita aprendizagem entre professor e aluno. A pesquisa também pode contribuir significativamente para um melhor reconhecimento e relevância desse ato pedagógico, bem como contribuir para outros campos de pesquisa.

Diante do exposto, foi possível perceber que a leitura pode ser vista e utilizada de diversas formas dentro do nosso cotidiano, sendo ela um importante instrumento para a inclusão social e fator crucial para a ampliação do conhecimento de mundo do ser humano. Relacionada à contação de histórias, essa prática se mostra benéfica para o desenvolvimento pessoal para todas as idades, especificamente na infância quando atribuída desde a educação infantil como instrumento para a transmissão de conhecimento, cultura e para o deleite de ler e ouvi-las.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.
- ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: LDB**. 7. ed. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2023. 64 p. ISBN 978-65-5676-392-7. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/publicacoes/ebooks>. Acesso em: 14 maio 2025
- BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília, MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 2 maio 2025.
- BRASIL. Edital de Convocação Nº 02/2020 – CGPLI. **Processo de inscrição e avaliação de obras didáticas, literárias e pedagógicas para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD 2020**. Brasília: MEC, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/consultas-editais/editais/edital-pnld-2022/EditalPNLD2022Consolidado6RETIFICA022.03.2023.pdf>
- BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.
- CANTALICE, Lucicleide Maria de. **Ensino de estratégias de leitura**. Revista Psicologia Escolar, v. 8, n. 1, p. 106-120, jan./jun. 2004.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria – análise – didática**. São Paulo: Moderna, 2009.
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análise**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1981.
- COSTA, Valdério. **Ancestralidade o passado, o presente no ato de contar histórias**. in Governo do Distrito Federal Secretaria de Estado de Educação (org). VII Plenarinha: Brincando e cantando com histórias. (2019) Disponível em: http://www.se.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/02/guia_vii_plenarinha_9abr19.pdf. Acesso em 19 de janeiro de 2025.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. Editora Contexto, 2006
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. Contexto, 2014

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Walk 2008.

DANTAS, E. L. A. **A contação de história na Educação Infantil e a formação de leitores**. Revista Caparaó, [S. l.], v. 1, n. 2, p. e12, 2019. Disponível em: <https://www.revistacaparao.org/caparao/article/view/12>. Acesso em: 15 out. 2024.

DICIO. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIANCATERINO, R. **Escola, Professor, Aluno**. Os Participantes do Processo Educacional. São Paulo: Madras, 2007.

GONÇALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP> Alínea, 2001.

GONÇALVES, Carolina Brandão; LOPES, Ricardo. **A contação de história como fenômeno cultural**. AVA UEA 2020. Disponível em: https://avauea.uea.edu.br/pluginfile.php/238536/mod_resource/content/3/UNIDADE_I_A%20conta%C3%A7%C3%A3o%20de%20hist%C3%B3ria%20como%20fen%C3%B4meno%20cultural.pdf. Acesso em: 19 jan. 2025.

JORGE, L. S. “**Roda de histórias: a criança e o prazer de ler, ouvir e contar histórias**”. In: DIAS, Marina Célia Moraes M. & NICOLAU, Marieta Lúcia Machado (Orgs). *Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

JOSÉ FILHO, M. **Pesquisas: contornos no processo educativo**. Franca: Unesp-FHDSS, 2006.

LAGUNA, Alzira Guiomar Jerez. **A contribuição do livro paradidático na formação do aluno-leitor**. Augusto Guzzo Revista Acadêmica, n. 2, p. 43-52, 2001.

MIRANDA, Elis D. S. **A Influência da Relação Professor -Aluno para o Processo de Ensino-Aprendizagem no Contexto Afetividade**. Vitória, 2008.

MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil**. 14. ed. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 1, n. 3, 2º sem./1996.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Dinâmicas em Literatura Infantil**. São Paulo: Paulinas, 2009

OLIVEIRA, Wilandia Mendes de. **Uma abordagem sobre o papel do professor no processo ensino/aprendizagem**. 2006. Disponível em https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_28_1391209402.pdf. Acesso em: 27 fev 2025.

PIRES, Olivia da Silva. **Contribuições do ato de contar histórias na Educação Infantil para a formação do futuro leitor**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

PRESSLEY, Michael. **Instrução de leitura que funciona**: o caso de um ensino equilibrado. Nova York, Gilford, 2002.

REIS, Marco Antônio; CÔCO, Dilza; CHISTLÉ, Priscila de Souza. **História e prática da contação de histórias**: uma proposta de formação crítica para artistas-professores e professores-artistas. 17. série. Espírito Santo: Maré, 2023. Disponível em: https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/4603/PRODUTO_EDUCACIONAL_Histo%CC%81ria_Pra%CC%81tica Contac%CC%A7a%CC%83o_Histo%CC%81rias_Proposta.pdf?isAllowed=y&sequence=2. Acesso em: 19 jan. 2025.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SANTOS, Rosana Maria. **A contação de histórias como instrumento de socialização na educação infantil**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Três Cachoeiras, 2011.

SEBASTIÃO, Laiane Monteiro. **A contribuição do estágio supervisionado**: teoria-prática na formação do pedagogo. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 07, Ed. 09, Vol. 06, pp. 161-167. Setembro de 2022. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/formacao-do-pedagogo>

SILVA, G. R. F. et al. **Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa**. Online Brazilian Journal of Nursing, Niterói, v. 5, n. 2, p. 246–257, jan. 2006. Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/5727>. Acesso em: 9 abr. 2025.

SOUZA, Renata Junqueira de; GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. **Estratégias de leitura: uma alternativa para o início da educação literária**. Álabes, n. 4, p. 1-21, dez. 2011. ISSN 2171-9624. Disponível em: <https://www.fct.unesp.br/Home/Pesquisa/cellij/estrategias-de-leitura--souza-e-girotto---2011.pdf> Acesso em 27 fevereiro 2025.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINNICOTT, Donald. **O brincar e a realidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

APÊNDICE A – Questionário

Informações Iniciais

Nome:

Formação profissional:

Tempo de formação:

Pós-graduação:

Tempo de atuação na escola:

Turma que leciona:

Quantos alunos tem na sala:

Perguntas específicas.

1. Quais são as principais atividades que envolvem a leitura na sua rotina escolar?
2. Quais são os livros mais presentes na sua sala de aula? Livro didático, livro paradidático ou livro de literatura?
3. Qual a frequência que você trabalha com cada um dos tipos de livros indicados na questão anterior?

Livro didático

- todos os dias (), três vezes na semana (), menos de duas vezes () nunca () Livro
Paradidático

- todos os dias (), três vezes na semana (), menos de duas vezes () nunca () Livro de
Literatura

- todos os dias (), três vezes na semana (), menos de duas vezes () nunca ()

4. Na sua rotina, tem um momento específico para utilizar dos livros de literatura? Se sim, qual?

5. Você saberia dizer quais são os livros de literatura que foram apresentados para os seus alunos neste ano. Cite algumas histórias.

6. Como é selecionado os livros de literatura infantil para se trabalhar em sala? Essa seleção é feita por temas escolhidos por você ou pelos estudantes?

7. Como geralmente ocorre os momentos que utiliza a contação de histórias na sua sala de aula?
8. Quais estratégias de leitura são utilizadas na contação de histórias para despertar o interesse das crianças e mantê-las envolvidas durante a atividade
9. Na sua opinião, qual a importância de trabalhar com a contação de história para o processo de ensino aprendizagem do aluno?
10. Quais são as principais dificuldades enfrentadas em relação ao trabalho com a literatura infantil em sala de aula?
11. Com sua experiência em sala, você considera que o seu aluno assimila mais facilmente o conteúdo quando está sendo trabalhado de maneira lúdica através das histórias? Justifique.
12. Quando trabalha uma história em sala de aula, qual o seu principal objetivo?
13. A escola possui algum projeto ou atividade regular para trabalhar a leitura com os estudantes? Se sim, indique

APÊNDICE B - Autorização

Autorização

Eu Jaqueline Moreira Jansen
CPF 33672830372 RG 062271392017-4 Gestora da Creche
Menino Jesus, que funciona na Travessa João Lisboa, 05 Morro da Televisão Codó-MA
autorizo a Marta Denise Mesquita Cariman CPF 621.791.473-50 estudante do curso de
Licenciatura em Pedagogia, UFMA-CODÓ a utilizar da referida escola Creche Menino Jesus
para a elaboração do seu Trabalho de Conclusão de Curso vinculada a Universidade Federal
do Maranhão, orientado pela professora Dr. Cristiane Dias Martins da Costa.

Para maior clareza, firmamos a presente autorização, libero do meu nome, de fotos do meu
arquivo pessoal e depoimento para fins científicos e de estudos (tese de doutorado, livros,
artigos e slides), em favor da pesquisa acima especificada.

Codó/MA, 03/04/25

Marta Denise Mesquita Cariman
Pesquisador Responsável pelo Projeto

Jaqueline Moreira Jansen
Gestora da Creche Menino Jesus

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Venho pelo presente documento, convidá-la(o) para participar como sujeito da pesquisa de monografia intitulada “A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA PRÉ-ESCOLA: POTENCIALIDADES E ESTRATÉGIAS DOCENTE”. Esta pesquisa tem por objetivo compreender a perspectiva docente e analisar como a contação de história é vista no âmbito escolar da Educação Infantil.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista e/ou questionário. Se depois de consentir sua participação e desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Para qualquer outra informação ou dúvida, pode entrar em contato no celular (99) 85005805.

Consentimento pós-informação:

Eu, _____, fui informado(a) sobre a minha colaboração na pesquisa, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da monografia, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser.

Data: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador responsável: _____

Assinatura do(a) professor(a) orientador(a): _____